CENTRO UNIVERSITÁRIO DAS FACULDADES ASSOCIADAS DE ENSINO – FAE

CAROLINA DOTTA MILAN

JULIANNE APARECIDA BATISTA

LÚCIA RIBEIRO SILVEIRA

MARIA VAI À GUERRA

SÃO JOÃO DA BOA VISTA – SP

2008

CAROLINA DOTTA MILAN
JULIANNE APARECIDA BATISTA
LÚCIA RIBEIRO SILVEIRA

MARIA VAI À GUERRA

Relatório Técnico do Projeto Experimental, modalidade livro-reportagem, apresentado ao Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – Fae, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob orientação do professor Ms. Francisco de Assis Carvalho Arten.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA – SP
2008

CAROLINA DOTTA MILAN
JULIANNE APARECIDA BATISTA
LÚCIA RIBEIRO SILVEIRA

MARIA VAI À GUERRA

Este Relatório Técnico do Projeto Experimental, modalidade livro-reportagem, foi apresentado como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social – Jornalismo, do Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – Fae, e foi avaliado pela pré-banca examinadora integrada pelos professores abaixo nomeados.

São João da Boa Vista (SP), ... de ..... de 2008.

.....
Rosa Helena Carvalho Serrano

.....
Nilton Joaquim Queiroz

.....
Francisco de Assis Carvalho Arten

Dedicamos aos nossos pais pelo esforço e apoio durante todos esses anos. À vocês, nossa gratidão e amor.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus pela força diante dos momentos de dificuldades; pela oportunidade de cruzar nossos caminhos e proporcionar uma amizade tão sincera.

Aos mestres pela atenção disponibilizada durante os quatro anos da graduação, especialmente ao nosso orientador Francisco de Assis Carvalho Arten pelo despertar do tema em nossas vidas. E em especial a nossa co-orientadora Maria de Fátima S. Ribeiro que não mediu esforços para nos ajudar. Ambos acompanharam a trajetória, o empenho e o desenvolvimento do grupo com muito carinho e profissionalismo.

Aos historiadores que muitas vezes deixaram suas ocupações para nos auxiliar. E principalmente aos familiares de Maria Sguassábia que tanto contribuíram para que esta obra fosse gerada. Em especial aos netos: Henrique e Mauricio; que abrilhantaram nosso livro com detalhes importantes e, até então, desconhecidos.

Também deixamos nosso agradecimento aos colegas de curso pelos momentos de descontração, amizade e companheirismo que nos proporcionaram.

"De tudo ficaram três coisas...

A certeza de que estamos começando...

A certeza de que é preciso continuar...

A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar...

Façamos da interrupção, um caminho novo...

Da queda, um passo de dança...

Do medo, uma escada...

Do sonho, uma ponte...

Da procura, um encontro!"

Fernando Sabino

SUMÁRIO

RESUMO

1 INTRODUÇÃO **8**

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **12**
2.1 Por que livro-reportagem? **12**
2.2 New Journalism **13**
2.3 Caminhos do livro-reportagem no Brasil **14**
2.4 Fotojornalismo em livro-reportagem **15**
2.5 Perfis **15**

3 DEFINIÇÃO DO OBJETO **17**
3.1 Maria Sguassábia **17**
3.2 A Revolução na Região **18**

4 METODOLOGIA DO TRABALHO **19**
4.1 Entrevistas **20**
4.2 Organização de Dados **21**

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO **22**
5.1 Linha Editorial **22**
5.2 Projeto Gráfico **22**
5.3 Público-alvo **22**
5.4 Custos da Produção **23**

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS **24**

7 CRONOGRAMA DE TRABALHO **25**

REFERÊNCIAS **30**
APÊNDICES **35**
ANEXOS **65**

RESUMO

O livro-reportagem **MARIA VAI À GUERRA** relata depoimentos e lembranças de pessoas que presenciaram o período da Revolução Paulista. Pesquisas levaram à história surpreendente de uma mulher que deixou a família para lutar pelo Estado de São Paulo: Maria Sguassábia! Como parte do trabalho, fez-se necessário o envolvimento com o período da revolução, partindo do princípio de acontecimentos do final de 1929 até chegar, enfim, ao período da Revolução, acontecida em 1932. Fotos de época ilustram o livro-reportagem com o objetivo de ilustrar o texto. Além dessas fotos foram usadas ilustrações de jornais e periódicos que caracterizam ainda mais o período. Um trabalho de muito estudo e garimpagem. De caráter não opinativo. Revela fatos e histórias verdadeiras.

Palavras-chave: Revolução Constitucionalista – Maria Sguassábia – Livro-reportagem

1 INTRODUÇÃO

O período em que os paulistas lutavam pela constituição do Brasil, dos demais estados do Brasil foi marcado por protestos, combates armados e uma luta solitária.

O jornalista tem por obrigação apontar a verdade dos fatos, e devido a um conflito de idéias entre os familiares de Maria Sguassábia procurou-se apresentar as duas versões de forma imparcial. Mais do que simples polêmica, vieram à tona divergências e/ou contestações de fatos. Durante a garimpagem de argumentos, textos bibliográficos e depoimentos chegou-se a importantes contatos com os mais próximos descendentes de Maria Sguassábia, seus netos: Henrique e Mauricio.

O livro-reportagem *MARIA VAI À GUERRA* tem como um dos objetivos resgatar o ineditismo de uma mulher em campo de batalha, na região de São João da Boa Vista e Poços de Caldas. No contexto, relatos de pessoas que a conheceram e conviveram com ela. Destaca-se a participação dos netos de Maria. Contatos telefônicos e por e-mail, com Henrique e Mauricio, vieram a engrandecer o trabalho. Ambos se prontificaram de imediato, ao contrário do que se encontrou no início das pesquisas dessa obra. Detalhes ricos e momentos, até então desconhecidos, de Maria: antes, durante e após a Revolução de 1932.

Outro objetivo do livro é revelar a vida das pessoas no período de 1932: os costumes, roupas, a arquitetura e até mesmo como pensavam os brasileiros naquela época.

Para registrar parte desta história foram necessárias várias pesquisas sobre o tema e entrevistas com quem vivenciou aquele momento: ex-combatentes, familiares e conhecidos de Maria Sguassábia. Além do contato com historiadores.

Também foram pesquisados outros aspectos em livros, jornais e sites da internet, como forma de entender a época e compreender melhor como foi o período.

Este relatório técnico inclui metodologia utilizada na produção da obra, forma de abordagem das fontes e dos personagens descritos no livro-reportagem, procedimentos de elaboração, produção e editoração do livro *MARIA VAI À GUERRA*.

A estrutura apresenta o período da revolução constitucionalista, tanto em âmbito nacional quanto regional, conta a história de vida de Maria Sguassábia e inclui testemunhos de outros personagens. Experiências reais.

A sessão 1 é a apresentação da protagonista Maria Sguassábia. Fala sobre a decisão que ela toma em seguir junto com os soldados da Revolução Constitucionalista de 1932 e deixar a filha de 10 anos aos cuidados do amigo e administrador da fazenda onde lecionava.

Outro ponto abordado é a dificuldade enfrentada por imigrantes italianos ao chegarem ao Brasil. Nesse contexto, fala-se da vinda dos pais de Maria: Clotildes e Piero; ambos imigrantes italianos que após muito esforço conseguem formar a filha professora.

A coragem da personagem e a personalidade forte são abordadas, junto com o amor que demonstra pelos irmãos Antonio e Primo.

A sessão 2 relata a história, desde o período de 1929 quando houve a queda da Bolsa de Valores de Nova York até o início da Revolução Constitucionalista em 1932.

Foram lembrados alguns nomes que se destacaram na história da política brasileira, como: Getúlio Vargas, Washington Luiz, João Pessoa, entre outros.

O trabalho registra momentos do país durante o período da Revolução, inclusive mudanças na vida dos brasileiros, como a implantação das primeiras medidas disciplinadoras do trânsito na cidade do Rio de Janeiro, até então, chamada de Capital Federal.

Inicia-se a influência da Revolução Constitucionalista nas cidades da região de São João da Boa Vista e Poços de Caldas.

A sessão 3 procurou fazer um comparativo entre as cidades de Poços de Caldas e São João da Boa Vista. Os dois municípios fazem fronteira entre os estados de Minas Gerais e São Paulo. Por isso, contar a história de amizade que existia entre esses dois grupos, antes da Revolução Constitucionalista de 1932, é importante. O clima de insegurança e os preparativos para a revolta armada são mencionados na sessão.

No conteúdo, os detalhes de como viviam as pessoas nessas duas localidades. O espaço de tempo que engloba os últimos meses que antecipam a explosão da Revolução foi mais evidenciado. O objetivo foi mostrar ao leitor o que pensava e sentia a população que, na verdade, estava amedrontada.

Alguns personagens, escritores e historiadores foram citados no texto. Todos ajudam a entender o que se passava, sobretudo os que vivenciaram aquela época. Mesmo sendo crianças na década de 30, Neide Aguiar e Ludgero Borges relembram os dias de correria, incerteza e medo pelos quais sanjoanenses e poçoscaldenses passaram.

A sessão quatro trata das dificuldades enfrentadas por Maria Sguassábia em combate. Fala do importante papel das mulheres na Revolução de 1932, principalmente em São João da Boa Vista.

Revela o surgimento de Associações como a Cruz Vermelha que atendia os feridos em batalhas e registra o momento em que a personagem descobre como se maneja uma arma de fogo e qual a sensação de ser a única mulher entre tantos soldados.

Fatos inusitados, como a reação do Tenente Meira ao descobrir em sua tropa a presença de uma mulher e mais tarde alistá-la ao grupo, também são comentados.

A quinta sessão mostra os bastidores das batalhas realizadas no interior do estado de São Paulo, ou seja, na região de Poços de Caldas e São João da Boa Vista. São José do Rio Pardo, Santo Antonio do Jardim, Andradas, São Sebastião da Grama e Vargem Grande do Sul são citadas.

Esta sessão foi elaborada com base no livro de Benedito Fernandes de Oliveira, ex-combatente da Revolução Constitucionalista, e o desenrolar das lutas. Maria Sguassábia tem destaque especial, pois é nas batalhas que demostra sua coragem e ganha promoção de cargo.

O momento em que soldados federalistas tomam o comando de São João da Boa Vista, também, é mencionado.

Na sessão 6 destaca-se o momento em que os soldados paulistas das tropas que lutaram no inteiror paulista chegam à região de Campinas. É nesse cenário que a Revolução de 1932 termina.

A sessão narra o final dos dias de conflito, o destino de Maria Sguassábia e a derrota de São Paulo. As festas realizadas pela população civil em louvor ao término da revolta também são lembradas.

A última sessão fala das conseqüências enfrentadas por Maria Sguassábia após a derrota de São Paulo.

A relação familiar é o ponto forte. Depoimentos engrandecem a sessão. Detalhes ricos sobre Maria. Incertezas sobre seu contato com a filha Maria José. Momentos passados voltam à tona para tornar ainda mais marcante a história de Maria Sguassábia.

Outro aspecto focalizado é o preconceito da sociedade em relação à família Sguassábia. Dificuldades enfrentadas e o sofrimento de Maria, demitida do emprego e perseguida por um de seus prisioneiros da revolução, também fazem parte do desfecho do livro. É o final da vida de Maria.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O processo de coleta e análise de informações para a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso obedeceu a critérios jornalísticos em sua estruturação, desde a produção das pautas, entrevistas com fontes previamente agendadas, documentos que comprovam os fatos e cuidados éticos na transcrição de falas e citações.

Segundo Medina (2002), para se ultrapassar a dureza da fase técnica e transformar a entrevista jornalística em um diálogo possível, é preciso haver intimidade entre as partes – jornalista e ouvinte, entrevistador e entrevistado.

Desta maneira, acredita-se na importância de todos os detalhes com cada um dos personagens e suas histórias.

A modalidade escolhida para este Trabalho de Conclusão de Curso foi o livro-reportagem. O grupo acredita que se trata de um meio de comunicação que permite maior aprofundamento do tema e tem real importância na comunicação devido à sua função informativa e literária ao mesmo tempo.

2.1 Por que livro-reportagem?

Acreditando ser um gênero literário e jornalístico em que o autor narra uma detalhada e extensa reportagem que não seria suportada pelas mídias convencionais como jornais e revistas, optou-se por livro-reportagem.

Esta modalidade permite quebrar as barreiras da imprensa caracterizada nos últimos anos por um jornalismo superficial, pouco detalhado.

Para Lima (1995) o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística. "Sob esse raciocínio é fácil compreender que o livro-reportagem, agora, como no passado, é muitas vezes fruto da

inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana."

Edvaldo Pereira Lima, em seu livro Páginas Ampliadas (1995) identifica a pasteurização da matéria informativa na mídia atual e revela por que o livro-reportagem possui as condições de interpretar a contemporaneidade.

> Detectar esses conflitos, circunscrever seu sentido, antecipá-los no tempo, buscar suas raízes na interação sistêmica estrangulada são tarefas nobres da reportagem que se proponha a ultrapassar a epiderme rasa dos fatos e penetrar no âmago das questões contundentes do nosso tempo, para proporcionar um conhecimento qualitativo da realidade ao homem contemporâneo. Essa missão escapa muitas vezes ao jornalismo cotidiano e ganha cada vez mais guarida no livro-reportagem (LIMA, 1995, p.68)

A modalidade permite uma viagem no tempo, sem ter que se prender apenas aos fatos do cotidiano presente. Além disso, o livro-reportagem, quando bem feito, consegue recompor fatos marcantes do passado de uma forma histórica e literária. “O jornalismo, na comunicação social, faz da narrativa da atualidade a sua matéria-prima” diz Medina (2003).

2.2 New Journalism

Teóricos dizem que o new journalism (em português – novo jornalismo) torna o texto mais atraente aos olhos do leitor e proporciona uma leitura fluente e detalhada de acordo com a realidade. Essa tese reforça o estímulo à opção por este estilo: aliar jornalismo à literatura.

Segundo Vicchiatti (2005), a literatura é a base da formação cultural do jornalista e da qualificação do texto por ele elaborado. Tão imensa é essa importância que ultrapassa o simples prazer da leitura ou a obrigatoriedade de maior qualificação técnica do bem escrever.

> Literatura e jornalismo são dois territórios diferentes, mas não territórios separados por barreiras instransponíveis que impeçam as apropriações, os entrelaçamentos. Ao contrário, são tênues os limites entre eles, por vezes quase imperceptíveis. Não que a literatura ou o jornalismo possam se transfigurar um no outro. Mas que, com características bem marcadas e elementos distintos, em algumas manifestações têm a ousadia de usar os pontos de intersecção para construir uma narrativa quase híbrida (VICCHIATTI, 2005, p.90)

O new journalism utiliza com uma de suas técnicas a apresentação ao leitor de cada cena, por meio dos olhos de uma personagem particular. O estilo deixa a leitura muito próxima do fato narrado. É como se o leitor compartilhasse até das emoções vividas pelos personagens.

Através dessas técnicas consegue-se aguçar a curiosidade e prender a atenção dos leitores, ao ponto de se envolverem com as histórias desta obra.

2.3 Caminhos do livro-reportagem no Brasil

No Brasil, a difusão do livro-reportagem começou a ser impulsionada, principalmente, a partir da década de 70 do século passado. O fim do da ditadura no início dos anos 80, propiciou que grandes jornalistas também fizessem um relato fiel daquilo que presenciaram nos anteriores. Um exemplo bem sucedido dessa linha de livros-reportagem é *1968 – o ano que não acabou* de Zuenir Ventura. A obra tem consistência no aspecto da documentação.

Embora haja outros renomados jornalistas como, por exemplo, Gilberto Dimenstein, Caco Barcellos, Ricardo Kotscho e Ruy Castro se dedicando a produção de livros-reportagem de excelente qualidade, este veículo ainda precisa amadurecer bastante no nosso país. Segundo Lima (1995), já existe uma grande quantidade de exemplares publicados, porém nem todos conseguem ser ao mesmo tempo rigorosos na apuração e diversificados na temática. O que de acordo com o autor, demonstra a necessidade de se ampliarem os estudos sobre o tema.

2.4 Fotojornalismo em livro-reportagem

As imagens contidas neste livro-reportagem são ilustrativas e têm como objetivo complementar o texto e mostrar aos leitores quem são os personagens e a realidade da época de 1932 no Brasil.

O fotojornalismo é a prática do jornalismo por meio da linguagem fotográfica em substituição à linguagem verbal. Preenche uma função bem determinada e tem características próprias. O impacto é elemento fundamental.

A fotografia permitiu ‘congelar’ a ação, impressioná-la numa imagem quase em tempo real, capturar o imprevisto, chegar ao instântaneo e, com ele, acenar com a idéia de verdade: o que é assim capturado seria verdadeiro; imagem não mentiria (SOUZA, 2000, p. 30).

A fotografia é a própria informação, na forma não verbal. E, neste livro-documentário ela tem a finalidade de acrescentar ainda mais realidade ao trabalho. Utilizou-se da fotografia específica de época, ao estilo fotojornalismo.

A fotografia é a forma democrática de informação.

2.5 Perfis

Uma das características do livro é o perfil da personagem Maria Sguassábia. Para retratar o perfil de Maria foi necessário estudar essa modalidade: como traçar perfil de personagens.

O Perfil é o gênero jornalístico que tem como núcleo narrativo pessoas. Ou seja: ele é o retrato dos atores sociais, dos cidadãos que produzem quaisquer formas de discurso sociocultural, alinhados a partir de um discernimento ético e estético, ou seja, uma capacidade reflexiva.

Ao contrário da maioria dos gêneros jornalísticos, o Perfil não se preocupa com a narração dos fatos, mas em produzir narrativas sobre pessoas. Assim, ele se diferencia da biografia, porque não fala apenas do percurso de vida dos personagens, da entrevista, cuja função é recuperar a idéia de produção de saberes através de diálogos, da reportagem: gênero narrativo cujo significado é interpretar os fatos sociais a partir das falas das personagens e do narrador.

Oswaldo Coimbra (1993) denomina os perfis jornalísticos de “reportagem narrativo-descritiva de pessoa”. Para Sodré & Ferrari (1986), deve ser chamado de perfil o texto que enfoca um personagem, protagonista de uma história (a da sua própria vida).

3 DEFINIÇÃO DO OBJETO

O livro-reportagem *MARIA VAI À GUERRA* representa uma contribuição acadêmica aos pesquisadores, estudantes e a todos que, se interessam por essa leitura.

Retrata histórias reais de personagem que, de certa forma, contribuíram e fizeram parte desse momento histórico para o Brasil: A Revolução Constitucionalista de 1932.

Através de depoimentos e dados fornecidos por familiares e conhecidos, foi possível retratar a vida da protagonista Maria Sguassábia e relatar ao leitor as dificuldades enfrentadas por uma mulher que fugiu aos princípios da época, quando decidiu se juntar aos soldados paulistas e lutar pelo Estado de São Paulo.

O livro também registra o perfil das cidades de São João da Boa Vista e de Poços de Caldas naquela época.

3.1 Maria Sguassábia

A protagonista da história, Maria Sguassábia nasceu em Araraquara, no interior de São Paulo, a 12 de março de 1899. Filha de imigrantes italianos herdou os traços marcantes e o gênio forte dos pais.

Com a ajuda dos pais formou-se professora e trabalhou em escolas nas regiões da zona rural de São João da Boa Vista. Casou-se e, tempos depois, nasceu Maria José, sua filha que, por paixão a São Paulo, foi abandonada pela mãe durante o período da revolução.

Indignada com a falta de dedicação de um soldado paulista, resolve ir à luta para defender seu Estado e garantir que os ideais de São Paulo fossem atingidos. Começa aí a história de uma mulher forte e decidida.

3.2 Revolução na Região

Em todo o país o clima de tensão é grande. Mas na região entre as cidades de São João da Boa Vista e Poços de Caldas, o clima é mais tenso ainda.

Paulistas e mineiros deixaram de lado a cordialidade e partiram para uma luta armada.

Os paulistas, sem apoio de nenhum outro estado, lutam por São Paulo, muitos sem nem mesmo saber o porquê de estarem fardados. Despreparo caracteriza o exército paulista.

> S. Paulo, forçado ou voluntariamente, tomou a hombros a luta titânica e cívica de fazer voltar a nossa terra ao regime constitucional, das leis.
> A causa é dessa que dispensam comentários pela grandiosa finalidade que é a volta ao governo legal e digno deste povo.
> O momento requer que todos se unam para que São Paulo não pereça, porque São Paulo representa, na realidade, o nosso caro Brasil [...]
> (MUNICÍPIO, O. 17 de julho de 1932)

Mineiros, que até então, apoiavam São Paulo, mudaram de idéia e se juntaram ao Governo Federal. Poços de Caldas, divisa com o Estado paulista abre espaço aos soldados de Getúlio Vargas e começam, então, os conflitos que marcaram história no Brasil.

A calmaria e a tranqüilidade dessas duas cidades: São João e Poços terminam quando tropas federais chegam fortemente armadas, na cidade mineira. Brasileiros de todos os cantos lutavam a mando do Governo Federal, comandado por Getúlio Vargas.

Jornais de São João, assim como os demais do Estado, convidavam os paulistas para lutarem por São Paulo. Textos e campanhas de incentivo à defesa do Estado saíam diariamente estampados nos jornais e revistas, da época. Enquanto isso, em Poços, os jornais, por sua vez, saíram de circulação durante o período que marcou a revolução.

4 METODOLOGIA DO TRABALHO

As pesquisas para embasar este livro-reportagem começaram em janeiro de 2008, com a coleta de informações em livros, jornais e revistas.

Após a definição do tema e da modalidade para este projeto, começou intenso trabalho de pesquisa para levantar dados, identificar contatos que vivenciaram a Revolução e familiares da personagem Maria Sguassábia.

A intenção é que o trabalho contribua como forma de revelar parte de uma história que pouca gente conhece: a vida de Maria Sguassábia.

A pesquisa para elaboração deste livro-reportagem contou com algumas etapas. Na primeira, foram realizadas pesquisas sobre o a Revolução de 1932 no Brasil através de livros e internet. Também, colaborou a profª. Rosa Serrano, que concedeu verdadeira aula sobre o que foi a Revolução, os motivos para sua eclosão, o impacto sobre os brasileiros e seus principais personagens.

Num segundo momento, uma busca através de livros de história, para melhor compreensão e contextualização da época. Outras leituras se fizeram necessárias. E também foram feitas pesquisas sobre metodologia científica, estruturação de livro-reportagem e consultas a trabalhos de conclusão de curso na área de jornalismo, além de livros teóricos dessa graduação.

Em uma terceira etapa foram realizadas as entrevistas com pessoas que vivenciaram o período da revolução e da pós-revolução. Também foram realizadas entrevistas com familiares e conhecidos da personagem Maria Sguassábia, que puderam contar histórias inéditas e detalhes da vida desta mulher, que por amor e dedicação ao Estado de São Paulo, lutou entre os combatentes.

O grupo participou da Oficina Mulheres de São João, coordenada pela pesquisadora Neusa Menezes, em São João da Boa Vista, sobre o papel das mulheres que marcaram história na cidade. A protagonista desse trabalho, Maria Sguassábia, foi uma das mulheres

apresentadas naquela Oficina. Fotos e histórias de Maria ilustraram o evento, que ficou mais próximo da imagem dessa combatente.

Acredita-se que muitas das histórias do período da revolução, foram enterradas com os personagens que fizeram desse episódio, momento marcante para a política brasileira. Felizmente, hoje, 76 anos depois dos combates, ainda é possível resgatar algumas histórias e relatos de combatentes e pessoas que vivenciaram esse período de conflitos. Este livro-reportagem registra relatos dessa época.

4.1 Entrevistas

As entrevistas foram elaboradas no estilo conceitual, onde “o entrevistador busca bagagem informativa, põe sua curiosidade e de espírito aberto a serviço de determinados conceitos que, reconhece a fonte a ser entrevistada” (MEDINA, 2002, p.16)

> A partir do uso de entrevistas, a história oral tem aproximado pessoas e instituições preocupadas com três aspectos importantes da vida contemporânea: 1) o registro, o arquivamento e a análise da documentação colhida por meio do recolhimento e trabalho de edição de depoimentos e testemunhos feitos com recursos da moderna tecnologia; 2) a inclusão de histórias e versões mantidas por seguimentos populacionais antes silenciados, evitados, esquecidos ou simplesmente desprezados por diversos motivos; 3) as interpretações próprias, variadas e não-oficiais de acontecimentos que se manifestam na sociedade contemporânea (MEIHI, 1998, p.11)

MARIA VAI À GUERRA contém personagens reais, cujas histórias são contadas no livro. Fêz-se também uso do ‘perfil humanizado’. “Está é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, história de vida” (MEDINA, 2002, p.18)

4.2 Organização de dados

A organização foi feita através da transcrição das entrevistas gravadas e arquivo das realizadas via e-mail. Também foram feitas leituras e fichamentos bibliográficos de livros sobre o tema ou relacionados diretamente à Revolução Constitucionalista de 1932, e jornais que abordaram o assunto.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

5.1 Linha editorial

Após troca de idéias realizadas pelas integrantes da equipe, foi definido título do livro: *MARIA VAI À GUERRA*. O título remete o leitor à protagonista. Sem devaneios e de forma direta. Baseado no exemplo de títulos curtos como: *Chatô* de Fernando Moraes; *1808* de Laurentino Gomes; *Hiroshima* de John Hersey.

Com um estilo literário buscou-se atingir diversas classes sociais. Ainda na linguagem buscou-se manter as características do *new journalism*: inserção de diálogos com travessões; a reprodução do diálogo dos personagens; a construção cena a cena; o registro de gestos cotidianos, hábitos, modos, estilos, roupas, comportamentos e outrem detalhes simbólicos, para realçar, ainda mais, a realidade das histórias.

Mantiveram-se textos com a ortografia da década de 30.

As sessões foram organizados de modo a tornar as informações compreensíveis aos leitores.

5.2 Projeto gráfico (Em execução)

5.3 Público alvo

O público-alvo do livro-reportagem são todos os que têm interesse pelo período da Revolução Constitucionalista de 1932 e, que também, têm interesse em conhecer a história de vida da protagonista: Maria Sguassábia

A obra também serve de base para pesquisas escolares e universitárias; de professores, historiadores e interessados pelo assunto.

5.4 Custos da produção (Em estudo)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o ano o grupo se dedicou à elaboração e estruturação deste livro-reportagem. Jamais sairá da memória e coração cada passo dado em busca da realização e da conclusão do trabalho.

De início apenas uma integrante da equipe tinha conhecimento sobre o tema: Maria Sguassábia. Aos poucos, houve aproximação com a personagem e a paixão pela coragem, determinação e idealismo de uma mulher que fugiu aos princípios de sua época – a conservadora década de 30.

Pesquisas, leituras, entrevistas transformaram o trabalho não apenas em conquista profissional, mas também, pessoal. Falar de mulher não é tão fácil como parece, mesmo nos dias atuais encontra-se dificuldades em narrar histórias (muitas delas omitidas), mas, que com certeza, espelhariam as mulheres mais fortes e decididas.

Ouvir os dois lados da história e optar, sempre, pela imparcialidade. Essa é a função do jornalista. Caminho escolhido pela equipe. Não houve desistência. Buscou-se. Insistiu-se. Finalmente, conseguiu-se contato com os netos de Maria. Agregado a isso, pode-se perceber um amadurecimento profissional e a contínua busca pela sabedoria e difusão das informações pelas integrantes do grupo. Persistência, sempre!

Um ano de muitas risadas, mas com algumas desavenças. Um ano que despertou, dentro de cada uma da equipe, prazer e paixão pela escrita, leitura e história.

Acredita-se que o objetivo foi alcançado e consegui-se com o livro-reportagem resgatar do anonimato uma mulher; mãe; batalhadora; determinada; idealista e figura importante na Revolução Constitucionalista de 1932.

Para todos que colaboraram, direta ou indiretamente, com o processo de produção da obra, os sinceros agradecimentos. A Deus e à família, o amor de sempre.

7 CRONOGRAMA DE TRABALHO

Neste cronograma apresenta-se o que foi feito desde o ano de 2007, quando se optou por este projeto experimental. Além dessas atividades, ainda inclui leitura de toda a bibliografia descrita em “Referências”.

Dezembro/ 2007

Leitura das normas para o Trabalho de Conclusão de Curso

Pesquisas sobre os tipos de modalidade

Definição da equipe

Janeiro/ 2008

Escolha do tema

Escolha da modalidade

Definição dos objetos

Pré-agendamento das pesquisas

Leitura do livro *Entrevista – O diálogo possível*

Leitura do livro *O que é Jornalismo*

Fevereiro/ 2008

Reconhecimento do tema

Estudo sobre como preparar e dar início ao Trabalho de Conclusão de Curso

Leitura do livro *O que é livro-reportagem?*

Pesquisas sobre a Revolução no Brasil

Pesquisas sobre a Revolução na Região

Leitura do livro *Hiroshima*

Pesquisas sobre a personagem Maria Sguassábia

Leitura do livro *1808*

Leitura do livro *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues*

Março/ 2008

Pesquisas em jornais da cidade de São João da Boa Vista

Pesquisas em jornais da cidade de Poços de Caldas

Leitura do livro *Revolução Paulista de 32*

Estudo sobre material pesquisado

Divisão de tarefas e responsabilidades entre o grupo

Pré-agendamento das entrevistas

Abril/ 2008

Definição de orientador

Definição do foco para o livro-reportagem

Estruturação do livro (capítulos, personagens, tipos de entrevistas)

Elaboração dos capítulos 1, 2, 3 do livro-reportagem

Entrevista com Ludgero Borges

Entrevista e bate papo com Ana Laura Valim Sguassábia e Teresinha Sguassábia

Entrevista com Antônio de Moraes

Participação na *Oficina das Mulheres de São João*, coordenada pela pesquisadora Neusa Menezes, em São João da Boa Vista

Análise de relatórios técnicos

Pesquisas na internet

Maio/ 2008

Reestruturação dos capítulos (capítulos, personagens)

Revisão dos capítulos 1, 2 e 3 do livro-reportagem

Pesquisas sobre como escrever e estruturar o relatório técnico

Estruturação e desenvolvimento do relatório técnico

Entrevista com Dom Duanne Willians

Entrevista com Neide Aguiar Milan

Junho/ 2008

Desenvolvimento do relatório técnico

Entrevista com Ludgero Borges

Pesquisas na biblioteca

Julho/ 2008

Desenvolvimento dos capítulos 4 e 5 do livro-reportagem

Acompanhamento de notícias em jornais, noticiários e internet sobre o feriado de 9 de Julho em São Paulo

Desenvolvimento do relatório técnico

Mudança de professor orientador

Entrevista com Neyde Corbelli

Entrevista com Neusa Menezes

Agosto/ 2008

Revisão dos capítulos 1, 2 e 3 do livro-reportagem

Revisão do Relatório Técnico

Análise de 60% do trabalho pela pré-banca

Setembro/ 2008

Revisão e considerações das observações solicitadas pela pré-banca

Nova entrevista com Neusa Menezes

Correção dos capítulos finais

Entrevista por e-mail com Henrique Marsiglia

Contatos por e-mail com Mauricio Marsiglia

Contatos telefônicos com Henrique Marsiglia

Outubro / 2008 (até prazo final de entrega)

Alteração do último capítulo do livro

Confecção do Prefácio e Posfácio, por convidados

Confecção da orelha do livro-reportagem, por convidado

Correção ortográfica do trabalho final

Definição do título do livro

Edição das fotografias

Edição e diagramação do livro-reportagem

Elaboração e preparação da apresentação para a banca examinadora

REFERÊNCIAS

A REVOLUÇÃO DE 32: *Um Painel Histórico.* São Paulo: Centro de Integração Empresa-CIEE, 2001.

Antologia II. São João da Boa Vista: Academia Sanjoanense de Letras, 2007.

APOLINÁRIO, M. R. ***História 8*** *– ensino fundamental.* São Paulo: Editora Moderna, 2005.

ARRUDA, J. J.; PILETTI, N.. ***Toda a história:*** *história geral e história do Brasil.* São Paulo: Editora Ática, 2003.

BLIKSTEIN, I. ***Técnicas de Comunicação Escrita.*** São Paulo: Editora Ática, 1998.

BUENO, E. ***História do Brasil*** *– Os 500 anos do país em uma obra completa, ilustrada e atualizada. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1997.*

CASTRO, R. ***O Anjo Pornográfico:*** *A vida de Nelson Rodrigues.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COIMBRA, O. ***O Texto da Reportagem Impressa:*** *um curso sobre sua estrutura.* São Paulo: Editora Ática, 1993.

Grande enciclopédia Laroussse Cultural. Volume VII. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1998.

GOMES, L. ***1808 —*** *Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil.* São Paulo: Editora Planeta, 2007.

HERSEY, J. ***Hiroshima.*** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KOTSCHO, R. ***A prática da reportagem***. São Paulo: Editora Ática,

LIMA, E. P. ***Páginas Ampliadas*****.** São Paulo: Unicamp, 1995.

_____. ***O que é livro-reportagem.*** São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

MEDINA, C. ***Notícia — um produto à venda:*** *jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1993.

_____. ***A arte de tecer o presente*** – *Narrativa e Cotidiano.* São Paulo: Summus, 2003.

_____. ***ENTREVISTA:*** *O diálogo possível.* São Paulo: Editora Ática, 2000.

MEIHI, J. C. S. B. ***Manual de história oral.*** São Paulo: Edições Loyola, 1998.

Nosso Século – 1910/1930 Anos de Crise e Criação. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Nosso Século – 1930/1945 A Era de Vargas. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PONTES, H. ***110 Anos de Imprensa Poços-caldense.*** Poços de Caldas: Editora Sulminas, 1999.

PRIORE, M. D.; BASSANEZI, C. ***História das Mulheres no Brasil.***São Paulo: Editora Contexto, 1997.

O Município. Período pré e pós-revoulção de 1932.

OLIVEIRA, B. F. ***Revolução Paulista de 1932.*** São Paulo: 1950.

ROSSI, C. ***O que é Jornalismo.*** São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

SILVA, H. ***A Revolução Paulista.*** São Paulo: Editora Três LTDA, 1998.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. ***Técnicas de reportagem*** – *notas sobre a narrativa jornalística.* São Paulo: Summus, 1986.

TALESE, G. ***Fama e Anonimato.*** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VENTURA, Z. ***1968*** *– O ano que não acabou.* São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2006.

VICCHIATTI, C. A. ***Jornalismo:*** *comunicação, literatura e compromisso social.* São Paulo: Paulus, 2005.

VILAS BOAS, S. ***Perfis e como escrevê-los.*** São Paulo: Summus, 2003.

_____. ***Biografias & Biógrafos*** *– Jornalismo sobre personagens.* São Paulo: Summus, 2002.

WILLIAMS, D; PRADO, A. ***Memorial da Companhia Geral de Minas:*** *História da Mineração no Planalto de Poços de Caldas.* Poços de Caldas: Editora Alcoa Alumínio S/A Poços de Caldas-MG, 2001.

WOLFE, T. ***RADICAL CHIQUE E O NOVO JORNALISMO.*** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ZUENIR, V. ***1968 –*** *O ano que não terminou.* São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1988.

Sites consultados

9 DE JULHO. Disponível em: http://www.cruzeiroagora.com.br.
Acesso em: Setembro de 2008.

BOLETIM INFOMATIVO. Disponível em: www.cruzeiroagora.com.br.
Acesso em: Setembro de 2008.

COMUNICAÇÃO E JORNALISMO. Disponível em: http://www.insite.pro.br.
Acesso em: Julho de 2008.

CRISE DE 1929. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1929.

Acesso em: Junho de 2008.

DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br. Acesso em: Julho de 2008.

FOTO AVIAÇÃO. Disponível em: www.saosimao.net/index.html.
Acesso em: Setembro de 2008.

FOTO PAULISTAS. Disponível em www.valedoparaiba.com.
Acesso em: Setembro de 2008.

FOTO M.M.D.C. Disponível em: www.encyclopaedia.es/pt/wiki/MMDC.html.
Acesso em: Setembro de 2008.

GETÚLIO VARGAS. Disponível em: http://www.presidencia.gov.br.
Acesso em: Julho de 2008.

HISTÓRIA DE MARIA SGUASSÁBIA. Disponível em:
http://brasiliavirtual.info/tudo-sobre/maria-sguassabia. Acesso em: Abril de 2008.

MAPAS. Disponível em: http://maps.google.com.br/maps.
Acesso em: Setembro de 2008.

MARIA SGUASSÁBIA. Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Sguass%C3%A1bia. Acesso em: Fevereiro de 2008.

MARIA SGUASÁBIA E REVOLUÇÃO DE 1932. Disponível em:
http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=13769591. Acesso em: Abril de 2008.

MARIA SOLDADO. Disponível em:
http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=7470702. Acesso em: Abril de 2008.

MORTE DE SANTOS DUMMONT. Disponível em:
http://www.novomilenio.inf.br/guaruja/gh011.htm. Acesso em: Agosto de 2008.

MULHERES DE SÃO JOÃO. Disponível em: http://www.mulheresdesaojoao.com.br/site/maria_biografia.php. Acesso em Agosto de 2008.

REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932. Disponível em: http://www.educacional.com.br. Aceso em: Junho de 2008.

REVOLUÇÃO DE 1930 (Política do Café com Leite). Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_de_1930. Acesso em: Junho de 2008.

REVOLUÇÃO DE 1932. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_de_32. Acesso em: Março de 2008.

APÊNDICES

A. Entrevistas

Nome completo: Antônio de Moraes
Ocupação: Ex-Combatente da Revolução de 32
Entrevista por Julianne Aparecida Batista
Data: 08/04/2008

Antonio é corcunda, estampa no rosto profundas marcas do tempo. Eu o encontro varrendo o chão da cozinha, tentando limpar as migalhas de pão que ele próprio acabou de derrubar. Ele mora com a esposa numa casa em baixo da casa de seu filho Odair, que precisou se mudar para Poços para cuidar dos pais que estão bastante doentes.

1.O senhor e seu irmão lutaram na Revolução?

O negócio foi o seguinte. A turma não queria Getúlio Vargas.Só que na hora H que começou a revolução todo mundo deu pra traz. So ficou São Paulo e Minas. São Paulo contra Getúlio Vargas e Minas a favor. Só que o estado de São Paulo era mais fraco.
Começou aqueles tiroteios.

2.Onde o senhor morava na época?

Em Santo Antonio do Jardim. Os mineiros atacavam os paulistas.Os paulistas ficavam só esperando. Mas os mineiros venceram tudo.

3.E quanto a seu irmão?

Quando foi no último dia do tiroteio morreu 80 em Santo Antonio do Jardim. Meu irmão morreu nesse dia. Ele chamava João Moraes e tinha 18 anos. Eu tinha uma carta da morte dele, mas o menino da padaria pediu e perderam a carta.

Ele foi o único que conseguiu ser enterrado porque eu estava lá e conhecia ele. O resto ficou lá até que Getúlio Vargas mandou os caixoezinhos de zinco para catar aquela gente, mas ai já não dava pra conhecer mais ninguém.
Então ali encerrou os tiroteios e a revolução.

4.E por que o senhor e seu irmão foram para a revolução?

Então, meu irmão não teve sorte, acabou morrendo. Ele ficou na frente das trincheiras. As trincheiras eram muito mal feitas. Isso era pra serviço de exercito e não de força pública. E nós mesmo tinhamos que fazer. Deu tudo errado. Era partido PC e PRP. Era um partido contra o outro.

5.E o senhor lembra do momento em que resolveu ir para a revolução?

O dia não lembro, sei que foi um dia de manhã. Os mineiros vinha gritando. Falei para meu irmão que era alguma armadilha. E não deu outra. Os mineiros vinha gritando que nem boiadeiros para disfarçar, mas quando a gente viu já tava em cima.

6. E isso já foi dentro na revolução?

Sim. Foi um fracasso. O negócio foi bem feito contra os paulistas. Ainda bem que Getúlio Vargas não guardou magoas de São Paulo. Porque era tudo besteria neh.
Mas a revolução teve a parte boa. Antes disso tudo, quem mandava aqui era os estrangeiros. Era só turco. Roupas, sapatos, na 25 de março. Era só turco. Agora tecidos de seda era os Matarazzo.
Cada um tinha sua parte. Getúlio acabou com tudo isso.
Getúlio foi um homem muito bom!
Ele fez 60% brasileiro e 10% estrangeiro. Aquele que rateasse era pra ser mandado embora da firma.

7. Isso foi depois que a revolução acabou?

Foi. Depois ficamos sem emprego, sem nada. Meu pai tinha o sítio e ficou sem nada porque conforme os militares iam passando ia levando tudo embora. Era porco, galinha, matava tudo. Então fui obrigado a pedir pro meu pai pra ir para São Paulo. Ele deixou. Mas comi o que o diabo amassou lá. Entrei numa firma, queria aprender a trabalhar e não conseguia. Eles jogavam sebo em cima da gente. Saco molhado.

8. Era fábrica de que?

De ferro. Primeiro entrei no Matarazzo, mas não aguentei o aço. Aquilo não tinha ventilação, sai de manhã e não enxergava, precisava de alguém pegar pela mão e levar. Ai conseguia sair. Mais foi pouco tempo, porque depois acabou tudo isso.

9.E na revolução? Como era? Como dormiam? Passavam fome?

É lógico que passava fome. Até quando fui pra São Paulo passava muita fome. Nas pensões em São Paulo tinha muitos estrangeiros e eles brigavam e derrubavam mesas, ai o dono da pensão tirava a comida e falava: Quem jantou, jantou, quem não jantou não janta mais.

10.E na revolução? Ficou só em Santo Antonio do Jardim ou foi para outro lugar?

Eles chamavam e não perguntavam quantos anos tinham. Era obrigado a ir. Nem farda tinha. Era roupa normal. Ele olhavam e achavam que a gente aguentava lutar.

11.O senhor queria ter lutado?

Não. Eles pegavam a gente na marra. Não tinha outro jeito. Eu tinha 16 anos e meu irmão quase 18.
O prefeito de Santo Antonio do Jardim mandou o jagunço dele pegar o prefeito de Andradas. Sem conhecer, sem nada. Política! Eles trouxeram umas caminhonetes. Chegou na divisa e resolveram matar o prefeito. O filho começou a chorar, eles pegaram um punhal, naquele

tempo usava punhal de 3 cortes. E Getúlio cortou e não deixou fabricar mais, porque aquilo só servia pra judiar. Furava os dois olhos do rapaz.
Cegou lá e o prefeito tava na janela e tinha um cachorrinho junto. Pararam a caminhonete e o prefeito disse: cadê os homens? Tá aqui na caminhote-responderam.
Vivo ou morto? Morto! Ai tacaram o punhal de 3 cortes no prefeito. A sorte é que pegou no cachorrinho. Senão pegava no chefão, era desse jeito durante a revolução.

12.O senhor sabia mexer com armas ou aprendeu na revolução?
Eles ensinavam na hora.

13.Tem algum momento na revolução que marcou?
A morte do meu irmão. Eu o enterrei. Depois que acabou cada um procurou sua familia.

14.Na época da revolução você tinha pai e mãe?
Tinha só meu pai.

15.E como ele ficou quando seu irmão morreu?
Ficou em casa. Ele não foi na revolução, gente de idade não ia.

16.Mas foi o senhor que contou que seu irmão tinha morrido?
Depois que acabou contei pro meu pai.

17.Onde seu irmão foi enterrado?
No cemitério de Santo Antonio. Foi registrado o enterro, porque já tinha acabado e deu tempo de enterrar.

18.E o senhor tinha muito medo durante a revolução?
Tinha, mas o que eu ia fazer? Não tinha outro jeito? Era desse jeito.

19.Em Santo Antonio foi a última batalha da revolução?
Não.Teve mais em outros lugares.

20.Depois que tudo acabou você lembrava muito? Tinha sonhos?
Depois que acabou cheguei em casa e não tinha nada. Levaram tudo. Pedi pro meu pai pra me deixar ir para São Paulo e lá comi o pão que o diabo amassou.

21.Mas o senhor se lembrava da revolução?
Sim. Tinha as batalhas na cabeça todo o tempo.

22.Tem alguma coisa que eu não perguntei e que o senhor queira contar?
A única coisa era só isso.

Nome completo: Ludgéro Borges
Entrevista por: Julianne Aparecida Batista

1.O Senhor morava perto da estação de trem na época da Revolução de 32?

Sim. Eu sou Lugéro Borges e nessa época morava na Avenida João Pinheiro, número um. A primeira casa após a estação.
Na ocasião que houve a Revolução de 32 Poços de Caldas foi arrebanhar todas as pessoas da região, soldados e convocados para participar da Revolução. Então a parte central foi toda requisitada pelo Governo mineiro - Mercado Municipal, Estação da Companhia Mogiana, escolas, onde houvesse espaço o governo requisitava. Inclusive o mercado, que se tornou um dos maiores quartéis, onde eles traziam o pessoal da redondeza. Era um pessoal simples, que nunca viu arma, que não sabiam guerrear. Viam somente por necessidade, porque eram obrigados.
Eles eram do campo e viam para cá receber instruções militar e roupas de soldados para ir combater no movimento da Revolução Constitucionalista.
A sede mesmo era aqui perto, em São João da Boa Vista. É uma bonita cidade, com um sol tremendo. Também em Águas da Prata.

Acontece que para levar esses soldados de Poços para enfrentar os paulistas lá na divisa, na Cascata, era a pé, porque não tinha ônibus, havia poucas jardineiras e a estrada de ferro. Nós tínhamos (falo nós porque sou de família de ferroviários) os vagões, mas não tínhamos locomotivas para levar os soldados. Muita gente não sabe, mas Poços de Caldas tinha outra estrada de ferro, chamada Botelhense, que vinha praticamente por dentro do rio, uns dois metros acima do leito do rio, quando chovia muito inundava.
A ultima estação era aqui de frente a Fepasa, essa pequena companhia foi idealizada para trazer minério de ferro da redondeza para embarcar em Poços para São Paulo- como a maior parte do capital era dos fazendeiros de Botelhos, colocaram o nome de Botelhense. Só que não foi muito longe.

A estrada da Botelhense era a mesma da Mogiana. Para ajudar levar os soldados, a Botelhense tinha uma maquina a diesel. Então eu ajudei a fazer um caminho de ferro
através do pátio da Mogina. Subia a locomotiva puxada por gente e por cavalos, subia a
rampa.. ai colocou em cima dos trilhos, fez funcionar a locomotiva e levou os soldados. Enquanto o pessoal trabalhava, eu servia água, era chamado de bombeiro.
Para brincar eles gritavam: oo bombeiro da colônia traz água seu sem vergonha! (risos) eu levava na brincadeira, grande parte eram parentes nossos.

Acontece o seguinte, a divisa era vigiada, apara que não entrasse paulista aqui e nos sabotassem, e da mesma forma não permitir que paulistas residentes em Poços fossem para São João e Águas da Prata se aliar a Revolução.

Menos eu, nasci em Guaxupé, toda minha família é de Espírito Santo do Pinhal, Cascavel- que hoje é Aguai, São João. Então éramos visados como pessoas que queríamos combater por São Paulo. E era mesmo. Nós escondíamos no fundo de casa os paulistas que moravam por aqui e queriam ir para Prata se alistar- eles ficavam de dia na nossa casa, dávamos alimentos, sanduíches e eles iam a noite a pé para se alistar no túnel da Cascata.

Nós moleques íamos pela Estrada do padre Motton, que hoje é a Avenida Chanpagnat. Lá no alto, dividindo com a Vila Cruz íamos ouvir os canhões. Dali da pra ouvir os tiros. Cada tiro nós dávamos VIVAS! Eu tinha uns sete anos.

Os quartéis que usavam para acomodar as pessoas que chamavam de prisioneiros, mas não eram prisioneiros, só estavam detidos para não se alistarem nas fileiras paulistas. Um dos quartéis era bem pertinho da minha casa, na Rua Dr. Faria Lobato, uma travessa da rua Junqueiras. Nós soubemos que tinham muitos paulistas presos nesse local. Como os homens eram mais medrosos, tinha medo de ir lá e serem convocados. As mulheres são mais afoitas e iam mesmo lá. Não abaixavam o topete para o pessoal bravo não. Elas gritavam com eles também. Então se armou uma comissão de senhoras da Avenida João Pinheiro. Elas foram até lá perguntar se tinha parentes nossos. Pela lista não tinha. Sabendo que estavam passando penúria, pediram para levar agasalhos, roupas, comida. Comida eles não concordavam porque tinham comida, mas permitiam lanches. Tinha também a lista de quem poderia entrar no local. Foi uma correria, as mulheres correram para preparar, levavam aqueles bules gigantes. A noite nós fomos. Eu passei a ir lá diariamente como mais um amigo, tinha nosso nome lá, era menino e inofensivo para eles. Eu levava lanches para esse pessoal. Como fiquei amigo dos soldados passei a fazer compras. Ia buscar cigarros, medicamentos na farmácia. Fiquei uma pessoa inofensiva para o caso da revolução e bem quisto.

Chegou um caminhão com fuzis e materiais para os soldados. Nessa leva vieram uns 10 capacetes de aço. Os primeiros de aço que entraram em Poços. Mandaram dois para cada quartel para que tomassem conhecimento. Enquanto eu estava esperando que desocupassem o bule para trazer para casa e encher de novo, eu fui ver os capacetes.Não gostei, achei muito fraco, uma cascatinha de ovo. Ai o comandante bravo, que já era meu amigo, chegou perto e falou grosso: Como é guri? Você não gostou do chapéu de soldado? Eu disse: Não é que não gostei sabe doutor, mas agora vai morrer gente de verdade, é uma casquinha de ovo. Não vai agüentar a bala. Foi uma risada geral. Foi a única vez que vi aquele bravo comandante rir.

Se não me engano, foi até dia 20 de setembro e foram despachando os prisioneiros. Através de denuncias souberam que em nossa casa acoitávamos paulistas que queriam fugir para se alistar. Os vizinhos também faziam isso. Quando terminou a revolução, estava tudo em paz, parou um carro na porta na nossa casa. Ninguém desceu, mas estava cheio de gente. Eles gritaram, fazendo gestos feios com as mãos. Avisem o pessoal que de noite viremos tomar um café aqui. Vocês são traidores, que ajudaram os paulistas. Pra começar eu era o único mineiro. A única arma que tínhamos para enfrenta-los era esquentar tachos de latas de águas no fogo para manter fervendo, com o fogo aceso o tempo todo. O primeiro cuia que botasse a cara no alpendre ia ter a cara lavada de água fervendo. Mas felizmente não deu em nada. Era bobagem. Minas e Rio Grande do Sul já tinha vencido e acabou a Revolução.

Agora outro fato que me lembrei foi em outro quartel, onde hoje é a Escola Estadual David Campista. O pessoal que vinha do interior era arrebanhado para receber culote, que era umas roupas de casimira amarela. Para os oficiais era perneira de couro, para os pé rapados, chamados pé de poeira era de lona e um par de botinas. Não tinha número certo. Tinha que pegar o que tivesse. E os soldados se davam bem descalços, conseguiam fazer tudo. Mas tiveram que terminantemente usar as botinas. Teve um que calçou de manhã e a tarde não quis mais e quase apanhou. Ele disse: O seu doutor o afirmador é que ta me machucando. Ai foram verificar. Os sapatos eram feitos as pressas e de certo, o sapateiro não rebateu um prego e tava furando o pé dele. Ninguém conhecia sapatos e ele achou que aquilo era um afirmador de pé que tinha que ter dentro do sapato. (risos).

Tinha muitos casos engraçados. E assim foi a Revolução de 32. Grande parte dos que se ouve são invenções do povo. Vê uma coisinha pequena e aumenta. Diziam que os paulistas estavam contratando cangaceiros para degolar mulheres e crianças. Era tudo mentira. Era uma revolução entre irmãos. Não era uma guerra. Os partidários que eram inimigos.
Depois daquilo um tal de Plínio Salgado criou um partido e botou uma filial em Poços de Caldas, uma escola para arrebanhar meninos para entregar a fileira chamada Integralista. Eu, moleque curioso, passei por lá e como um professor que nós conhecíamos disse pode vir para cá que nos damos camisas verdes, livros, cadernos, lápis, borrachas.
Então vi correndo avisar minha mãe que eu ia entrar na escola da Revolução porque eles dão tudo pra gente. Só durou um dia a escola. (risos)No dia seguinte tinha um papel pregado na porta escrito "Fechado por ordem do excelentíssimo presidente da republica", quem atravessasse a rua seria fuzilado. Boato também.

A revolução foi um grande boato. Tinha fazendeiro que segurava as pessoas que queriam se alistar. Para aproveitar a mão-de-obra diziam: Não vai na cidade que lá ta feio. Tão dando tiros de fuzil, fica por aqui.. E ficava capinando, fazendo serviços de graça.

Poços não tinha nada, era deserta. Mas por ser um centro de recrutamento ficou famosa. Logo passaram a fazer as coisas enlatadas, em calda, como matula e ai se fortaleceu as compotas- que são doces em caldas que durava meses. Uma parte dos queijos de Poços foram muito procurados nessa região.

2. E como era o clima na cidade na época da Revolução?

Não era normal. Havia um clima de tensão. Nós éramos Zé povinho e não tínhamos informações concretas, só boatos. Diziam que se andasse na rua depois das seis horas poderiam ser presos; as mulheres poderiam ser deportadas, não poderiam ir mais para escola, só se fosse perto de casa. Parou tudo. Todo o esforço era em prol de manter os soldados, que recebiam ordens. A gente ficava em tensão nervosa para satisfazer as necessidades dos soldados.

Eu tinha a mania de roubar arcos. Fazia de propósito, só para sair e trazer noticia para minha mãe porque tinha parentes nossos detidos.

Tem uma coisa engraçada. Aqueles que queriam servir, mostrar patriotismo e que eram homens eram chamados de voluntários. E os medrosos não sabiam o que ia acontecer, largavam a família para traz. Sabe o que faziam? Eles algemavam um voluntário com um futuro desertor. Então esse desertor se tornava um voluntário na marra (risos).

3. E nos campos de batalha? Muito sangue foi derramado?

Não era assim não. Nunca me esqueço. Tinham rapazes vindos de Carambola. Eles eram os mais bravos homens que o exercito mineiro conheceu. Não tinham medo de nada, sempre descalços. Eram homem de botar um sabe (facão de guerra) eles amolavam dos dois lados para cortar dos dois lados, atravessavam nos dentes. Iam a nado até a divisa para jogar granada. Eram bravos demais. Acho que se o Brasil tiver um exercito só de carambolenses o Brasil vencia tudo. (Carambolas era um pequeno município ou fazenda perto de Poços).

Meu avó, paulista de Espírito Santo do Pinhal, ficou na região de Aguai e lá foi maquinista até do chamado trem brindado. O comando mineiro viajava nesses vagões para a cidade para dar suas ordens. Por duas vezes quase que meu avó morre. Ele era meio xucrão. Um dia falaram- Vamos para zona de Poços de Caldas e ele disse que não dava. Como assim não dá? E ele falou que a locomotiva não tinha vapor suficiente. Colocaram a espingarda no peito e falaram- Você é um paulista filho da puta e não quer ajudar. Ele insistiu que o motor era de vapor e tinha que esquentar uma hora. Ele quase morreu porque os mineiros não entendiam de vapor. Isso tudo foi contado depois da Revolução. Até quem era adversário se reunia para rir da Revolução.

4. E na sua casa, alguém se alistou?

Em casa ninguém se alistou. Era só eu e minha mãe. Os outros parentes estavam espalhados pelo estado de São Paulo. Em Poços só tinha eu para entregar lanchinho.

5. Você fazia tudo isso sem entender a Revolução neh?

Não entendia. Sendo mineiro como sou. Graças a Deus, porque ser mineiro não é nascer no estado, mas é um estado de espírito, com muita honra sou mineiro, de Guaxupé - sede do bispado de Minas Gerais. Mas que culpa tenho da minha família ser paulista. Não entendia e até hoje não entendo essa briga. Eu achava que colaborava, ajudando as pessoas e protegendo meus parentes que não estavam aqui.

6. Mas eram momentos felizes, de festa?

Era. Apesar da galhofa, éramos ignorantes. O futuro do Brasil era São Paulo e eles seriam independentes. Seriamos desligados do porto de Santos. Eu não concordava com a idéia de São Paulo se desligar. Depois que percebi que a constituição existe graças aos paulistas, que levaram isso adiante.

7. É verdade que Minas Gerais ganhou, mas São Paulo ficou com a fama?

São Paulo estava inferiorizado de gente pra lutar. Ali em São José do Rio Pardo morreu gente a revelia, os paulistas lutavam com patriotismo único. Eles achavam que estavam fazendo a coisa certa. Mas morriam porque eram poucos.
Os mineiros mostraram patriotismo em casos variados, alguns iam mesmo. Em matéria de determinação para realizar um plano de governo, tira-se o chapéu para São Paulo, devíamos isso ao povo paulista.

Essa foi a pequena historia da Revolução de Minas. Não sei que ta certo na parte política só me recordo daquela época. Eu ia buscar carne e era parado e perguntado o que era aquilo. Era o dever deles. Mesmo quando eu levava café nos quartéis tudo era verificado, enfiavam a foice dentro dos bules para ver se não tinha nada. Era o dever deles. Pois muita gente entrava com navalhas para passar para os presos fugirem.

8. E as conseqüências da Revolução? Alguma coisa mudou para Poços?

Não mudou muito não. Alguns desses que vieram se alistar acabaram se mudando para Poços. Acharam melhor o ambiente. Em seguida foi eleito prefeito e conseguiu dar um impulso em

Poços, fez contrato com os alemães para a construção dos três prédios- Thermas, Palace hotel e Cassino. Ai o centro da cidade virou um formigueiro de gente, todo mundo vinha pra Poços achando que tinha emprego por causa das construções. Logo depois começou a correr o dinheiro (época de glamour). De 1936 em diante que a cidade começou a crescer. Tudo era jogo. Tudo era para explorar o turismo. Só depois que o jogo foi proibido, mas isso já é outra história...

Bate-papo com Ana Laura e Terezinha Sguassábia
Participação no bate-papo de: Carolina Milan, Julianne Batista e Lúcia Silveira
Data: 08/04/2008

Maria foi por patriotismo.
Ela foi prejudicada no trabalho. Era professora e foi exonerada do cargo. Foi trabalhar como costureira e passado um tempo é que ela foi admitida no Instituto de Educação como inspetora de alunos.
Maria Sguassábia tinha um gênio muito difícil e a sociedade não enxergava com bons olhos, porque ela era uma idealista. Os alunos dela colocaram o apelido de Maria espingarda por ter lutado na Revolução.

A filha Maria José, mais conhecida por Zilú, ficou chateada por a mãe ter deixado-a para ir à Revolução. E sentiu-se desprezada. Ela não aceitava, nem gostava de tocar no assunto. Como tinha perdido o pai quando sua mãe estava no quinto mês de gestação, Maria José ficou aos cuidados do administrador da fazenda Paulicéia, onde sua mãe lecionava.

Os netos também não gostavam de tocar no assunto, até porque a mãe passou isso a eles.

Na época um soldado desertou e Maria viu que ele havia jogado a farda e o fuzil, então ela pegou a roupa e o fuzil, prendeu o cabelo e seguiu com a tropa.
O irmão dela chamado Antonio, Tonico, estava no caminhão que rodeava a fazenda. Quando o irmão viu que ela estava junto com ele, ele ficou extremamente assustado.
Ela era a partir daquele momento uma pedra no sapato dele, porque não teria mais sossego.

Sobre as necessidades humanas ela nunca comentou.

Quando Maria prendeu um comandante na batalha do Pedregulho, seu cabelo caiu e o homem vendo que era uma mulher não aceitou. O superior dela disse a ele, não chore por isso, tenha orgulho porque você foi preso pelo melhor soldado dessa revolução.
Chegou até as autoridades paulistas que havia uma mulher, mas passou. Então, foi registrado como soldado Mário.

Ela chegou a sargento e por um período chegou a liderar e os soldados a obedecerem. Ela já era uma líder.
Ela era mandona, brava, como era a mais velha dos irmãos, eles respeitavam-na. O que ela falava tinha que ser.

Eram seis irmãos, (três mulheres e três homens).

Ela mesma fazia suas roupas, eram bem feitas, mas como era de família humilde não tinha roupas que chamassem a atenção, apesar de bem feitas.

Quando ela veio da Revolução passou por muitos sofrimentos. Todos viam seu ato como uma coisa pejorativa, tanto que a família não quis comentar muito. Meu pai mesmo não falava muito sobre isso. Não a tratavam como heroína, tinham um recato para comentar, porque os irmãos, principalmente os três homens saiam e ouviam opiniões, chacotas dos amigos e de outras pessoas. Ainda mais porque tinham mais duas irmãs. Então aquilo foi algo que chocou, como eram humildes, pobres.

Ela sofreu muito com isso, depois perdeu emprego. Mas ela continuou do mesmo jeito.

Seus alunos sofriam em dia de prova ela ficava vigiando, não tinha cola mesmo.
Os alunos ficavam loucos da vida, nada dobrava ela. Se o diretor falasse alguma coisa ela fazia e acabou.

Acho que ela nunca se arrependeu de ir. NO começo ficou meio abafado porque os paulistas perderam. Depois começaram a fazer comemorações no dia 9 de julho.
Na época eu com 12, 13 anos, eu ia com ela a São Paulo.

Era uma festa, tinha cerimônia, discurso, todo mundo com bandeiras, medalhas, saiam as ruas. Daqui só ia nós duas, eu acompanhava porque a filha não ia.
Íamos de ônibus. Uma vez fomos a uma televisão par ser entrevistada. Ela sentia orgulho e era acolhida por todos. Ela ia e se tivesse que carregar bandeira, carregava.

Ela nunca se arrependeu, apesar de saber das conseqüências. Principalmente da indiferença da filha. Ela gostaria que a filha fosse junto que colaborasse.

Quando Maria voltou; elas foram morar juntas. Maria sempre quis o melhor para a filha, tanto que ela estudou em colégio particular, ela fez um sacrifício danado para pagar. Ela se formou no quinto ano e no começo do ano se casou.

Então o relacionamento delas ficou mais distante. Maria José demonstrava seu ressentimento.
Acho que a Zilú casou-se por isso. Maria era muito enérgica com a filha. Ela trouxe o regime militar par dentro de casa. Meu pai e meus tios as vezes até pediam para ela ser menos dura com a filha.

Ela nunca soube com o que a mãe havia feito depois daquilo que compensasse o que ela passou. Não que tivesse sido maltratada pelos administradores, porque eles a tratavam bem, mas pela mãe ter deixado-a para ir numa Revolução.

Ela tinha que ficar na casa do administrador porque não havia meio de transporte que vinha a cidade. Seus pais moravam no bairro do Rosário.

Ela não sentiu medo de ir para a Revolução. Sempre foi decidida, ela era assim e quando decidia ia mesmo.

Ela nunca mais se casou e nunca teve mais nenhum homem.

Ela sentia medo do comandante mineiro que ela prendeu. A própria família tinha medo.
Mas ele nunca apareceu.

Ela e o irmão Tonico sofreram muito porque vieram a pé de Campinas e tiveram que trocar as roupas por comida.

Ela ficou triste por ter perdido o cargo por defender São Paulo.
Ela caiu na língua do povo, eles falavam mal dela.

Para a família não foi um ato heróico, eles sentiam vergonha.

O Antonio comentava que quando iam passar embaixo da cerca ou tinham que se rastejar no chão, ela tinha que levantar o traseiro por causa dos seios. E ele dava-lhe um tapa dizendo: “Abaixa esse traseiro, porque senão vai levar um tiro”.

Ela era bem forte e alta.

Quando a filha se casou ela passou a morar sozinha. Nas férias escolares o neto Mauricio vinha para a cidade. Tinha também o Henrique.

Quando Maria ia à São Paulo para as comemorações de 9 de julho, ficávamos na casa de Maria José para cumprir todos os compromissos, que muitas vezes eram até jantares. Mas ela ficava pouco porque se sentia deslocada na casa da filha, e o genro era a favor da mulher.

O Mauricio morou aqui para fazer o ensino médio e ele um enorme carinho pelos netos, fazia de tudo. Sentia-se com eles menos abandonada.

Tem nome de rua dela. Quando eu, Ana Laura, fazia o ginásio falavam dela. Os professores passavam o ato heróico.

Demorou muito tempo para dar valor.

Acho que se os paulistas tivessem ganhado a história tivesse tomado outro rumo.

São Paulo era bem inferior em armas e sem preparo nenhum. Outros estados iriam apoiar, mas isso não aconteceu. Muitos soldados nem sabiam o por que estavam indo, meu pai e meu tio foram porque disseram que iam ter cigarros à vontade.

Maria só pensava que São Paulo deveria lutar por isso.

A sentinela que tomava conta da tropa onde estava Primo, irmão de Maria, dormiu em guarda e os soldados sem poder reagir foram levados a mando de Getúlio Vargas à Ilha Grande. Eles ficaram abandonados em um presídio, no qual as ondas do mar bravo batiam nos paredões do local. Isso deixou Primo com trauma, ele não podia nem pensar em ver o mar novamente, mesmo depois de muitos anos. Lá foram esquecidos mesmo. Quando escutavam barulho de embarcações passando, todos tiravam os sapatos e começavam a bater no chão na esperança que o navio pudesse escutar. Não tomavam banho. Ficaram lá até o fim da revolução.

Não tinham notícias de Primo, e Maria procurou várias autoridades locais, mas não conseguiu nenhuma informação. Então, ela resolveu ir ao Centro João Batista. Lá, disseram que o espírito se apresentou e disse que estava muito triste, porque havia morrido e estava enterrado embaixo de uma palmeira com os pés para fora. Vários dias, após o término da revolução, aparece Primo, para surpresa de todos. Estava magro, mal vestido, barbudo.

Ele nunca falou sobre a revolução pelo fato do irmão ter ido. Não comentavam.

O Primo nasceu em 1907, tinha 25 anos na época. O nome dela era Primo, porque depois das mulheres ele foi o primeiro homem a nascer.

O nome dela era Stella Rosa Sguassábia. Maria foi nome de batismo.

Só a Maria nasceu aqui, a Clara que foi a segunda filha nasceu aqui.

Antigamente o nome de batismo tinha que ser nome de santo.
Exemplo, se você chamasse Aparecida, seria batizada com seu próprio nome, mas como o dela era Stella, a madrinha escolheu Maria. A partir daí passou a ser chamada de Maria e ela assinava Maria Stella.
Ela se considerava sanjoanense. Ela nasceu em 1898. Ela veio bebe de Araraquara.

Os pais delas imigrantes italianos chegaram ao Brasil casados e foram para Araraquara trabalhar em uma lavoura de melancia. Mas eles não se adaptaram e quando estava na época da colheita, vieram para São João. Ele passou a trabalhar no Hotel Central e ela servia marmitas em uma pequena pensão que tinham. Ele cozinhava muito bem porque aprendeu com a mãe que também tinha essa atividade.

Maria estudou aqui mesmo.

O Primo começou a trabalhar como marceneiro muito novinho. Apesar de não ter quase estudo lia muito. Era muito inteligente, sabia muito de História e Geografia, além de desenhar muitíssimo bem. Infelizmente não teve condições financeiras para continuar os estudos.

Antonio prestou concurso e seguiu a carreira militar, foi ser Policial em São Paulo.

Maria lia muito. A mesa de jantar da sala dela era cheia de livros amontoados e ela lia tudo. Tinha muito livro, muito jornal. Ela guardava tudo. Na casa dela não tinha ordem.
Na casa dela não podia mudar nada de lugar.
Ela gostava muito de planta. Se nascesse uma mudinha de mato num vaso, ela deixava.

Ela recebia visitas, mas não tinha tantas amizades devido ao gênio dela. Mesmo no trabalho quase ninguém gostava dela, porque ela dedurava mesmo se fizesse alguma coisa errada.

Ela morreu dois dias depois de seu aniversário com problema no fígado. Ficou amarela como uma gema de ovo. Ela ficou no hospital praticamente sem um acompanhante.

Ela gostava muito de Primo e sua esposa. Sempre que podia ia visitá-los, quando ia, não entrava, batia palmas no portão antes, pra ver se ia ser convidada para entrar.

A Teresinha nasceu de sete meses porque sua mãe sofreu uma queda, o que fez com que acelerasse o nascimento. Ela foi colocada em uma caixa de sapato.

Quando a crianças começou a ganhar peso, Primo disse que se chamaria Izabel, Maria disse que não podia ser. Primo então pergunta por que e ela responde que foi promessa. Se a criança vingasse se chamaria Teresinha, nome da santa a qual fez promessa.
Ele disse: “Fez promessa, cumpra você. Não é minha que tem que pagar”.

Como a esposa era muito calma, convenceu-o a colocar o nome de Teresinha, mas ele disse que só aceitaria se levasse o nome de sua mãe Clotilde. Então, ficou Teresinha Clotilde Sguassábia.

O Neto Mauricio trabalha na Zona Franca de Manaus e Henrique é militar.

Maria foi realmente a única mulher a pegar numa arma em toda a Revolução, existiam as que ajudavam como enfermeiras ou cozinheiras, mas a única a ir para a front foi ela.

A casa de Maria é onde hoje existe um armazém em frente à Nova Imagem.

Nome completo: Neide Aguiar Milan
Nasceu em 26 de outubro de 1928 em São João da Boa Vista
Entrevista por: Carolina Dotta Milan

Em 1932, eu ainda tinha quatro anos, mas pude ver de perto todo o medo que a população da zona rural sofreu. Com a noticia que a Revolução iria estourar, todos ficaram com muito medo. Muitas pessoas saiam da cidade para se esconder na roça. Minha avó, Maria da Glória Cabral de Vasconcelos, foi uma das senhoras que abrigaram em suas fazendas várias famílias. A fazenda dela é a Santa Rita das Areias que fica na estrada que liga São João à Pinhal. Na época fabricava a pinga Cabral. Meu avô Antonio dos Santos Cabral, marido de Maria, recebeu muito bem as pessoas que vinham da cidade.

O casarão da fazenda serviu de refúgio de várias pessoas. Como os quartos não eram muitos, a sala de jantar foi improvisada para abrigar todo mundo. Não tinham tantos colchões, então foram colocados sacos de estopa com palha dentro para as pessoas dormirem em cima.

A comida teve que ser dobrada, porque alimentar todas aquelas famílias não foi fácil. Eles não saiam de dentro da casa. Tinham tanto medo que nem iam ao jardim que ficava na frente do casarão.

Ficaram lá por muito tempo, até as noticias da cidade serem melhores.

Eu morava num sitio chamado Angola, que também ficava na estrada São João – Pinhal. Lá, moravam meus pais, Carolina e Luis e meus irmãos.
Ficamos com muito medo da Revolução. Tinha um tio meu, o Edmundo, que ia várias vezes por semana à cavalo à noite, até o sitio para ver se estava tudo bem. O medo dele era que acontecesse alguma coisa com a gente já que as batalhas eram perto dali. Ele ia á noite porque era mais calmo e não corria risco de ser pego por alguma tropa de soldados.
Ele arriscava a vida mesmo.

Um dia, vários soldados entraram no sitio. Tinham dois caminhões cheios de soldados. Quando eu os vi chegando, fiquei com medo, porque escutei meu pai e meu sentados na área da casa, dizendo que eram soldados da Revolução. Quando o tenente veio em minha direção, corri ao encontro dele e disse: “Moço, não prende meu pai nem meu tio que eu te dou em troca meu biquinho”. Ele sorriu, me pegou no colo e falou: “Menina linda, eu não vou prender seu pai nem seu tio, pode ficar com seu bico”.
Esse bico eu não desgrudava, carregava ele sempre comigo. Era o que mais gostava.

Os rapazes pediram comida e água. Minha mãe chamou as mulheres da colônia para ajudar nos preparos. Ela fez polenta, pão, café, preparou leite e serviu todos eles. Ainda deu queijos que ela mesma tinha feito para que levassem caso desse fome quando estivessem nas trincheiras. Quando foram embora, pediram para meu tio os acompanharem até a estrada, porque eles tinham que passar perto da câmara de guardar café, e pensavam que ali tivesse uma tocaia. Então, meu tio foi com eles um tanto bom da estrada e depois voltou. A partir daí vinham soldados paulistas e mineiros. Recebemos soldados dos dois lados.

Na cidade:
Foi um período de muito medo. A cidade parou.

O Bernardino de Campos que morreu em uma tocaia dos mineiros, tinha uma noiva que o obrigou a ir para a Revolução.
Ela disse que ele não era homem se não fosse, porque todos os moços da cidade se alistaram e ele foi e morreu. Ela ficou perturbada por muito tempo por se achar culpada.

Nome completo: Neusa Menezes
Ocupação: Pesquisadora
Entrevista por: Carolina Dotta Milan
Data: 22/07/2008

1.Quando começou a se interessar pela Revolução Constitucionalista de 1932?

Desde pequena minha mãe contava fatos da revolução. Ela morava na divisa entre São João da Boa Vista e Andradas e pôde presenciar muitos acontecimentos nesse período. A paixão pelo tema veio cedo. Foi um encantamento.

2. Desde quando pesquisa sobre Maria Sguassábia?

Comecei a pesquisar sobre a vida de Maria há seis anos.

3. Como única pesquisadora que assiduamente estudou a vida de Maria, você afirma que ela é a única mulher a lutar na revolução. Como explica o fato de existir outras histórias de mulheres ao front da revolução?

Não existem documentos sobre outras mulheres na revolução. Nada que se comprove. A Maria Soldado, que dizem ter sido cozinheira e que fugiu para se alistar, é uma lenda.
A Maria Sguassábia é a única com documentos que comprovam sua existência.
Quando gravei com a Rede Globo em 2005 os repórteres me perguntaram se ela era uma lenda. Quando viram o material que possuía ficaram surpresos, porque ela foi a única mesmo.

4. **Como é seu contato com os netos de Maria Sguassábia?**

Com os netos tive pouco contato. Eles não sabem informar nada. A Maria se fechou muito depois da revolução. Sua filha ficou muito sentida, porque quando a mãe voltou colocou-a num colégio interno em Mogi Mirim.

5. O que Maria significa para você?

Para mim ela é uma heroína. Um herói defende um ideal e o conquista e ela fez isso. Lutou até o fim.

Entrevista: Neyde de Lima Santos Corbelli
Ocupação: advogada, Procuradora Federal, Professora e Gerente de Cidades – ex-aluna da escola onde Maria trabalhou como Inspetora de alunos.
Entrevista por: Carolina Dotta Milan
Data: 23/07/2008

Existia o curso normal e o científico que duravam três anos. Eu fazia um cedo e o outro à tarde. Estudei no "Colégio Estadual Escola Normal Cristiano Osório de Oliveira". Formei-me em 1957 pra Professora e no curso Científico.

A Dona Maria Sguassábia, como a chamávamos, era Inspetora de alunos. Tinham três inspetores: O Ganino, a Dona Maria e a Dona Elza.
Maria era alta, parecia que tinha algum problema em um dos olhos. Para mim a figura dela era de ser alta, simples, bondosa, que sorria e que eu sabia que tinha o apelido de Maria Espingarda porque havia combatido na Revolução de 1932 com o irmão dela.
Por ter sido os alunos mais velhos do curso cientifico, porque após a nossa turma vieram pessoas mais novas, tínhamos mais respeito, então não me lembro absolutamente de ninguém zombar dela.
Ela ficava na porta recolhendo nossas cadernetas e depois entregava-nos. Lembro de uma mulher muito boa.

Não digo que era feia, porque não acho ninguém feio, não tenho isso dentro de mim, mas era não era uma mulher linda. Para mim uma mulher normal.

Nunca soube nada da vida amorosa dela.

Todos nós sabíamos que ela tinha ido para a Revolução.

Fui atuante em minha escola, mas nunca me lembro de comentários sobre a revolução. Sabíamos que ela tinha ido pra Revolução, mas passou como uma coisa comum. Até não é comum, nós devíamos venerá-la. Ela era firme e hoje eu sei que tinha alunos que quando ela levava a caderneta para a diretoria ficavam com muito medo porque a diretora era muito enérgica.
Quando pegava fazendo arte ela levava a caderneta.

Ela era muito humilde. Falo humilde, não de humildade de pobreza física e espiritual. Falo humildade de expressão de verdade. É essa definição que conheço de humildade e Maria Sguassábia era verdade.

A única história que me vêm à memória é que quando subia a escada do colégio, onde hoje é o Posto de Saúde, em frente o Terminal Rodoviário, tinha uma arvore chamada *beijo* mais conhecida como "graxa de estudante". Porque se passa a folha dele no sapato fica brilhante. Então nós sentávamos e me lembro dela falar: "Já vai passar a graxa de estudante porque não limpou o sapato em casa!".

Era uma mulher de andar forte, talvez a forma firme, já era da sua personalidade, mas muito boa.
Quando falo em Maria me lembro de mãe.

A verdade é relativa, mas hoje na minha idade, como idosa, vejo uma sociedade de São João da Boa Vista, da qual faço parte, porque dou sanjoanense, uma sociedade fechada, obsoleta, que faz separação. Hoje nem tanto porque o dinheiro não está nas mãos dos ricos, está nas mãos da periferia.
Sou do tempo de uma sociedade separatista, porque esta mulher merecia homenagens. Não me lembro de ninguém ter dito que ela era uma figura histórica. Lembro-me só do apelido "Maria Espingarda". Isso era pejorativo como meu próprio pai dizia.

São João da Boa Vista tem um lado pejorativo como tem um outro lado que exalta muito coisas que não tem realmente muito valor.
Ela viveu numa época de uma São João muito preconceituosa. Ainda hoje tentam ser, mas as coisas mudaram porque o dinheiro mudou de mão, o estudo e a intelectualidade também mudou e essas castas da qual somos herdeiros da corte portuguesa, já morreram.
Nunca teve uma homenagem a ela. Todos os discursos no colégio quem fez fui eu e nunca me lembro de nunca ninguém pedir para homenageá-la.
Acredito que se devia carregar na humildade dela uma tristeza porque ao invés de homenagem recebeu apelido, o que abomino na minha idade, porque não pude falar antes e é a primeira vez que me dão oportunidade.
Abomino essa faixa de tempo de São João que só sabe homenagear morto. Homenagem é em vida pro homem.
Ainda hoje vi um jornalista do Estadão que disse que não deve fazer homenagem em vida, porque a pessoa pode amanhã não ser digna de homenagem, pode se tornar ruim.
Tem que ser depois que deixou sua história.
Mas o feito de Maria ter ido pra guerra é histórico. Ela podia ter se tornado assassina, mas o que ela fez foi heróico.
Na nossa cidade nunca recebeu nada de homenagem.
O que ela fez de bom não apaga. O que é heróico é para sempre.
Na escola não a viam como heroína.

Meu pai o Dr. Amado Gonçalves dos Santos, Engenheiro, casado com Carmem de Lima Santos, professora, também cooperou na revolução de 1932, fazendo levantamento da Serra da Mantiqueira para abertura de trincheiras em defesa do Estado de São Paulo e demarcou em Vargem Grande do Sul o campo de aviação para a descida dos aviões paulistinhas.

Nome completo: Neusa Menezes
Ocupação: Pesquisadora
Entrevista por: Carolina Milan. Julianne Batista e Lúcia Silveira
Data: 23/09/2008

Lembranças de Maria...

Maria deixou todos os documentos para o museu. Isso é muito importante. Doar para uma instituição séria. O museu não sabia o que fazer, então ficou 30 anos guardados em uma caixa no museu. Ela ficou esquecida. Tem apenas uma rua com o nome dela, mas ninguém a conhece.

Quando o museu mudou de prédio foram encontrados em uma caixa todos os documentos de Maria, inclusive revistas. Quando fui procurar estava tudo lá. Eu já estudava a vida de Maria, mas não tinha documentação. História sem documentos vira lenda e ela já era lenda. Ela ficou muito distante e a lembrança daqueles que a conheceram era daquela mulher brava no Instituto de Educação, que chamavam de mulher espingarda.

Maria e família depois da Revolução...

Ela se fechou. Não contou mais nada da Revolução, quando terminou. Assim, começou a ficar distante e esquecida. Uma personagem tão importante da história do Brasil ficou distante. A família não aceitou a participação na Revolução. A filha odiou e passou isso para os netos. Tento entrar em contato com os netos e é sempre muito difícil. Já consegui falar com eles, inclusive, vieram para São João. Estão se abrindo mais e, também, estão mais interessados. Hoje eles vêem com outros olhos. É o filtro do tempo que vai transformando em história.

Os netos de Maria não ficaram com nada dela. Não sabem contar nada. O Mauricio é o que mais teve contato, porque conviveu com ela. O Henrique quase não teve contato com ela. A avó se fechou. Ela era muito enérgica.

A Maria colocou a filha em um colégio interno em Mogi Mirim e sua intenção era que como a filha não tinha pai, teria melhor educação no colégio. Mas o feitiço virou contra o feiticeiro e a filha não entendeu isso. Achou que a mãe não queria ficar com ela, achou que fosse rejeição da mãe.

Maria queria ser sepultada em São Paulo junto com os outros soldados da Revolução Constitucionalista, mas a filha não quis.

Maria antes e agora...

Em 1932, uma mulher deixar a família, a filha e entrar num campo de batalha, só com homens. Imagina o que falaram dela, muito embora estivesse com o irmão o tempo todo. Foi muito confusa a história dela. A cidade viu como algo engraçado. Como uma mulher que foi pra guerra. Era a Maria Espingarda, Maria Pelotão.

Na época, a mulher não era aceita no exercito, não tinha direito ao voto. Sói cuidava da casa e da família. Imagina numa cidade como São João com menos de 10 mil habitantes. Os pais morrendo de vergonha. Era uma tragédia. Ainda mais sendo professora, em vez de dar exemplo, fez isso.

Ela conseguiu os benefícios a partir de 1946. Foi quando pediu todos os documentos ao Tenente Meira, mas era muito pouco que ganhava.

Havia uma efervescência com a Revolução de 1930 e esse código eleitoral já estava sendo pedido desde essa época. Pagú estava nesse movimento. Ela viveu ao mesmo tempo em que Maria. Foram as duas mulheres sanjoanenses de destaque nesse período. As duas foram contra todos os padrões da época. Pagú tinha condição financeira boa, mas optou por uma vida simples. Estava entre os fundadores do Partido Comunista em São Paulo. Foi um destaque para a época.

É muito importante o papel das mulheres. Em São João, temos nomes como: Pagú, Guiomar Novaes, Orides Fontella e Maria Sguassábia. Estudo essas mulheres há muito tempo. Uma foi puxando a outra. Comecei com Pagú, encontrei Maria e assim foi.

Pesquisei muito sobre Maria. Consegui contato com os netos através de pesquisa, em internet.

Hoje, quando coloquei o nome dela na internet, Maria começou a circular pelo Brasil. Ela tem vida.

E-mail de Henrique Marsiglia
Enviado em 29/09/2008
Para: Carolina Milan, Julianne Batista e Lúcia Silveira

Quanto à minha avó, posso dizer algo resumido: era muito carinhosa, embora bastante severa e disciplinadora. Adorava uma boa conversa, o chá no meio da tarde quando quase sempre recebia algum amigo, para um ótimo bate-papo. Lia muito, tinha extensa coleção de livros que o Mauricio e eu pudemos desfrutar muito: o Tesouro da Juventude (vários Tomos), obras de Monteiro Lobato, Machado de Assis, José de Alencar e outros. Tinha uma coleção grandíssima do Reader's Digest (Revista Seleções). Estava sempre muito bem informada sobre tudo o que se passava no mundo; seu jornal predileto era a Folha de São Paulo. Era bastante metódica e seus horários eram praticamente uma ritualística. Pela manhã, missa, depois uma boa mesa de café da manhã que ela preparava com muito gosto, seguindo para os cuidados com o almoço que ela preferia fazer no fogão a lenha, embora tivesse à disposição o fogão a gás. Após, uma soneca na rede, depois de ler um pouco. No meio da tarde o chá, tradicional. No início da noite, nada podia desviá-la de suas novelas no então Canal 9 (TV Excelsior), onde se emocionava até as lágrimas com as histórias que assistia. Usualmente se deitava entre 21:30h e 22:00h, despertando sempre muito cedo, antes das 06:00h, por puro hábito. Tinha imensa paixão pelas flores, que cultivava com muito esmero e dedicação, dentro e fora da casa; não raro, suas amigas vinham lhe pedir mudas. Em ambas as casas que eu conheci, o quintal era rico em árvores frutíferas. Assim, era muito comum comer manga, pitanga, romã, banana e outras, diretamente da fonte. Criava suas galinhas (muitas) e tinha sempre ovos fresquinhos, todos os dias. Aos domingos, com ela, fazíamos massa caseira e comíamos uma bela macarronada com molho de puros tomates que ela também cultivava, junto com outras verduras e hortaliças. Era uma costureira de mão cheia, e, quando adolescente, ela atendia às minhas manias de estar na moda (era a época do florescimento da famosa Jovem Guarda, com o Roberto e o Erasmo Carlos) regalando-me roupas feitas com muito amor. Gostava muito de conversar sobre a vida, principalmente no início da noite, antes das novelas, quando ficávamos na varanda observando o céu de São João, tentando flagrar estrelas cadentes ou um satélite passando por aí... Eu e o Mauricio, sem dúvida, passamos momentos muito importantes e felizes em companhia dela e sentimos muitas saudades de seu jeitinho, de seu sorriso, de seu cuidado conosco.

E-mail de Henrique Marsiglia
Enviado em 01/10/2008
Para: Carolina Milan, Julianne Batista e Lúcia Silveira

Bom dia, caríssimas Julianne, Lúcia e Carolina...

Inicialmente, gostaria de dizer que estou apreciando muito a forma como vocês construíram o livro-reportagem. Mostrar o panorama político que envolvia o país, lembrar a saga dos imigrantes italianos que chegavam, montar todo o contexto que envolvia a história de minha avó. O tema, da forma como vocês idealizaram, torna-se mais abrangente, dinâmico e bastante interessante. Embora não tenha ainda lido até o final dos capítulos que me enviaram, posso dizer como um "feed-back" a vocês, que é uma leitura muito instigante e conduz o leitor a uma "viagem" imaginária, como acontece, por exemplo, em um filme. Ao final, se tiver alguma sugestão, lhes enviarei (provavelmente até amanhã).

Quanto à idéia de um possível conflito familiar, sugerida a vocês, é um equívoco bastante rude. E, nesse ponto, fico muito feliz que tenham entrado em contato comigo e com o Mauricio, a tempo de evitar que memórias biográficas de minha mãe e minha avó entrassem para a história tendo como pano de fundo essa versão enganosa. Como o trabalho de vocês está sendo realizado com tanta seriedade e profundidade, certamente alimentaria em definitivo essa balela. Vamos discutir isso ponto a ponto...

Primeiro, a Ana Laura não teve convivência com minha mãe e, assim, certamente nunca poderia ter escutado isso diretamente dela. Pode ter recebido a informação distorcida através de familiares de minha mãe, mas não de familiares diretos, como meu Pai, eu e o Mauricio. E, em família, como em sociedade, vale aquele ditado: "Quem conta um conto, aumenta um ponto". É meio mórbido e novelesco, mas é verdade, infelizmente. Não quero me aprofundar nisso por questões éticas, apenas corrigir aquilo que não corresponde à verdade.

Qual é o fato? Minha avó, para poder seguir às trincheiras da Revolução de 1932, dadas as circunstâncias de momento, não vislumbrou outra alternativa senão a de deixar minha mãe aos cuidados do administrador da fazenda, AMIGO dela. Não era um estranho... Minha mãe tinha apenas seis anos de idade. Qual a conseqüência natural? Uma sensação de insegurança e de incerteza envolveu minha mãe, posto que era algo inédito em sua ainda tão curta experiência de vida. E, ao redor disto tudo, uma guerra de fato ! Assim como vocês fazem no livro, é importante situar o fato dentro do contexto adequado. Então dizer que isso marcou profundamente ESSE MOMENTO da vida de minha mãe, como algo bastante desagradável, é verdadeiro. Mas também é verdadeiro que esse momento foi desagradável para TODAS AS PESSOAS que se viram envolvidas pelo drama de uma revolução, em sua própria terra! Todos os que lá estavam, por certo, têm alguma coisa incômoda por recordar. É o ônus da guerra, que não poupa a ninguém, seja uma criança, um jovem ou um adulto.

Já, para dizer que isso MARCOU SUA VIDA da maneira a vocês ventilada, é falso, totalmente falso. Minha mãe foi sempre uma pessoa muito feliz e isso era sua marca registrada. Agora, a não ser que ela houvesse deixado registro de outro modo de ver esse assunto, o que nunca aconteceu, ninguém, nem mesmo familiares próximos, tem o direito de

transformar UM MOMENTO no próprio TEMPO DE VIDA de uma pessoa. E o tempo de vida de minha mãe que eu testemunhei, foi o de um grande amor filial entre ela e minha avó, normal, bonito, sem nenhuma marca de rancores rançosos ou mágoas reprimidas. Não sei porque essa falácia resiste ao tempo (já a escutei há muitos anos atrás) e chega até uma terceira geração (Ana Paula). É um erro crasso de observação e uma análise totalmente fora de contexto. Como Jornalistas, que praticamente já o são, vocês sabem que a partir de um fato é possível "fabricar" várias versões, todas elas factíveis e similares. Mas sabem também que somente uma é verdadeira e apenas com uma análise completa é possível determinar qual seja ela.

Segundo ponto: não existe entre nós (Eu, Mauricio e nossos filhos) e NUNCA existiu no tempo em que se podia incluir aí minha avó, minha mãe e meu pai, nenhum desconforto em falar da Revolução e da participação nela de minha avó. Ao contrário, posso me lembrar com clareza de alguns momentos sobre esse particular: finais de semana onde estávamos todos reunidos (minha avó, meus pais eu e o Mauricio) e eu, um adolescente curioso, entrava no tema e minha avó respondia com toda a naturalidade, sendo, por vezes, lembrada por minha mãe, de novos detalhes sobre cada uma das cenas vividas por minha avó.

Eu fiz carreira militar, fui Oficial do Corpo de Bombeiros em São Paulo, chegando ao posto de Coronel. Quando ainda jovem, e freqüentando a Academia Militar do Barro Branco, já tinha muito orgulho de contar essa história de minha avó para os meus companheiros de caserna. Levava o livro sobre a Revolução, as fotos, e mostrava a todos com tanto entusiasmo, que um dia o assunto chegou ao Comandante de minha Companhia, que me chamou e pediu para que eu preparasse um trabalho expositivo sobre o tema, para apresentar nas comemorações de 9 de Julho, no ano de 1972. Além de me ajudar a compilar o assunto, no dia aprazado minha mãe também compareceu, e me ajudou na exposição oral, dando seu testemunho de viva voz, sobre a participação de minha avó na Revolução. Acho que isso responde com suficiente clareza à pergunta sobre se minha mãe aceitava a história e se falava sobre o assunto. Falava, não somente conosco, mas em público, também.

Terceiro ponto: a sugestão de que minha mãe NÃO QUIS que minha avó fosse sepultada no Obelisco do Parque do Ibirapuera em São Paulo. Logo de início, eu percebo que quem passou a informação para vocês, além de desconhecer os verdadeiros desejos de minha mãe, também tem uma ignorância específica sobre o tema, o que transforma a afirmação em um erro grosseiro. NINGUÉM é SEPULTADO no Obelisco. Por regra, os ex-combatentes da revolução passam por funerais normais, com a presença de seus familiares e são sepultados em jazigos familiares. Foi o que aconteceu com minha avó, acrescendo-se aí o fato de que ela recebeu honras fúnebres militares (salva de tiros e toque de silêncio), prestadas pela guarnição do Exército em São João da Boa Vista. Passado o sepultamento, é iniciado um processo junto à Sociedade MMDC, para comprovar a participação na Revolução de 1932 da pessoa falecida. Isso costuma tomar ANOS. Deferido o processo, os restos mortais têm que ser incinerados, posto que no Obelisco são depositadas AS CINZAS dos combatentes. E isso ocorre uma vez por ano, em cerimônia própria, no dia 9 de Julho, quando cadetes da mesma Academia Militar onde eu estudei, representam os ex-combatentes que terão suas cinzas depositadas no

Obelisco, respondendo “PRESENTE” a uma chamada simbólica de contagem de efetivo militar que ocorre nessa oportunidade. Entenderam a diferença ?

A verdade é que minha mãe SEMPRE desejou que os restos de minha avó fossem transferidos para o Obelisco. Mas sempre encontrou dificuldades junto ao MMDC. Comprovar que UMA MULHER tenha sido combatente, pode, até os dias atuais, SURPREENDER a muito marmanjo barbado! Não sei dizer se por algum tipo de preconceito, minha mãe nunca conseguiu obter deles uma aprovação final. O certo é que eles, os que sobrevivem, são muito velhinhos e reticentes para tocar no assunto. Mas a burocracia sucessiva, com requisitos crescentes, foi cansando minha mãe que, em um determinando ponto ficou se perguntando se valia a pena prosseguir. Afinal, dizia ela, a memória de sua mãe estava preservada por nós e por muita gente querida em São João da Boa Vista, e isso era o que realmente importava. Então, em uma dada época, pediu para deixar o tema adormecido, esperando uma nova oportunidade ou um novo ponto de argumento, para voltar ao pedido.

Depois do falecimento de minha mãe, ocorrido em 07.03. 1996, meu pai, um dia, quando eu o visitava, olhando para o troféu oferecido a minha avó ainda nos “anos 30”, me disse que, em honra à memória de minha mãe e de minha avó, gostaria de tentar outra vez essa transferência. Novas dificuldades, e ele se deu por vencido. Essa tarefa agora cabe a mim e ao Mauricio. Creio que o trabalho desenvolvido por vocês representará uma ajuda inestimável na comprovação da participação de minha avó nessa revolução. E creio também que se a própria cidade, através de seus representantes legais, entidades de classe, clubes, se fizer ouvir na Sociedade MMDC, tudo será facilitado. Mas esse é outro assunto, a ser discutido depois...

Quanto aos meus dados pessoais, aí vão: em 1969 concluí meu curso “Científico” (da época) aí em São João, no I.E.Cel Cristiano Osório de Oliveira e prestei vestibular para a Academia Militar do Barro Branco, na zona norte de São Paulo, onde ingressei em fevereiro do ano seguinte, sendo declarado Oficial em 25 de janeiro de 1974. Dediquei-me ao Corpo de Bombeiros, sempre na Capital ou na Área Metropolitana, seguindo carreira até a minha passagem para a reserva. Além da graduação como Bacharel em Segurança Pública, sou Engenheiro Civil, Analista de Sistemas Pós-Graduado e, mais recentemente, também Advogado. Tenho atualmente 55 anos, sou casado em segundas bodas com uma Artista Plástica venezuelana, Maria Clara, dois filhos do primeiro matrimônio, Pedro Henrique, 28 anos, graduado em Publicidade e Marketing, e Giuliana, 30 anos, graduada em Economia e Pós-Graduada em Comércio Exterior. Vivo na Serra da Cantareira, parque de preservação natural na região norte da área metropolitana de São Paulo. Tenho escritório em minha própria casa e sou Consultor de Negócios.

Falei com o Mauricio ontem e creio que ele responderá a vocês hoje, provavelmente acrescentando algo de sua vivência e de suas impressões sobre o assunto, além dos dados pessoais que vocês solicitaram.

Espero haver aclarado as dúvidas, e continuo à disposição nesse esforço final de vocês em concluir o trabalho.
Parabéns e obrigado pela oportunidade!
Henrique

E-mail de Mauricio Marsiglia
Enviado em 01/10/2008
Para: Carolina Milan, Julianne Batista e Lúcia Silveira

Prezadas Julianne, Lúcia e Carolina, bom dia!

Em primeiro lugar quero agradecer as três pela tema escolhido para ser apresentado como conclusão do curso de jornalismo o qual, pela simples leitura do texto que o meu irmão me enviou, denota o envolvimento de vocês, com qualidade e com uma montagem muito interessante de se ler.

Em seguida, informo que não recebi nenhum e-mail anterior e por essa razão não lhes dei resposta, e por investigação do Henrique, concluímos que o endereço que vocês estavam usando não estava correto.

Finalmente não tenho nada mais a agregar aos comentários que o Henrique fez e sobre os quais ratifico plenamente suas conclusões. Não me lembro em momento allgum que houvesse ressentimento de qualquer um dos membros de nossa família com o episódio heróico vivido por minha avó. Muito pelo contrário, conforme já colocado pelo Henrique, sempre tivemos um grande orgulho da coragem que a guiou nas diversas passagens difíceis pelas quais foi confrontada e a forma soberana com que administrou os resultados obtidos.

Também concordo com as dificuldades em trasladar os restos de minha avó para o Obelisco no Parque Ibirapuera. Tive também minha própria experiência das dificuldades intransponíveis para ter sucesso nessa transferência.

Bem, entendo que vocês querem alguns dados biográficos que se seguem: Tenho 65 anos, nascido em São João da Boa Vista em 06 de julho de 1943, formado em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Econômicas de São João da Boa Vista e com Pós Graduação na Universidade de São Paulo. Tenho também a Pós Graduação em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas e MBA em Bloemendaal, Holanda. Desenvolvi minha carreira profissional na Philips do Brasil, Trol e Estrela e atualmente estou na Federação das Industrias do Estado do Amazonas, como Superintendente Corporativo.

Se puder colaborar com mais algum detalhe. não hesitem em me procurar.

Uma vez mais, parabéns pelo trabalho desenvolvido e muito sucesso em sua apresentação

Abraços,

Mauricio A. Marsiglia

E-mail de Henrique Sguassábia Marsiglia
Enviado em 03/10/2008
Para: Carolina Milan, Julianne Batista e Lúcia Silveira

Caríssimas Carolina, Julianne e Lúcia.

Obrigado pelo envio do último capítulo, o qual acabamos de apreciar, Mauricio e eu. Sobre ele, temos algumas considerações que submetemos à análise de vocês, como segue:

1. Informação técnica. Logo depois de citar a reportagem de O Globo, há uma afirmação de que minha avó morava na Rua Luiz Gama, 244. Esse é o endereço onde ela, de fato, viveu por muitos anos. Mas, nesse ano de 1972, ela já residia à Rua Cel. Ernesto de Oliveira, número 586, bem próximo à Santa Casa de São João. Essa casa, hoje em dia, já não existe mais, foi substituída por um prédio comercial. Uma das fotos que lhes enviei (a número 10), em que aparece minha avó comigo e o Mauricio, já foi tomada nessa nova casa, e data de 1961, portanto bem antes da data indicada, certo?

2. Modificação de sentido.

   Um dos últimos parágrafos reproduz uma parte de minhas informações e, sobre os integrantes da área administrativa do MMDC, diz (sic): ***"O certo é que os que sobrevivem são velhinhos e reticentes para tocar no assunto.´*** Eu realmente escrevi a frase como está, e sem nenhum sentido pejorativo ou em demérito de alguém. Mas fico imaginando que, como pretendemos utilizar o vosso livro para também fundamentar um novo pedido de transferência para o Obelisco, alguém possa tomar a expressão como ofensiva e transformar subjetivamente o tema como um argumento para não ser acolhido o pedido, por desrespeito ou coisa que o valha. E digo isso porque, em muitos contatos com eles, sinto o quanto de abertura de horizontes lhes falta nesse assunto, mente fechada mesmo. Então, se possível e cabível no entendimento de vocês, solicitaria a substituição da frase da seguinte maneira:

   "O certo é que, depois de tantos anos, os que sobrevivem são reticentes para tocar no assunto.´

3. Depoimentos familiares

   Até este momento, eu o Mauricio temos buscado manter postura ética sobre o pronunciamento de alguns familiares. Entretanto. quando é citado um depoimento da Terezinha sobre tornar-se ***a companheira*** de minha avó, gostaríamos de dizer que o que se segue, nesse depoimento, contém alguns devaneios que afastam o descrito da realidade. A Terezinha efetivamente teve contato com minha avó em alguns momentos e isso não pode ser negado. Mas nos parece que ela, de alguma maneira, deseja se colocar ***"sob as luzes da ribalta",*** ao auto atribuir-se uma posição tão efetiva junto à minha querida avó. Mauricio, que é contemporâneo dessa fase, não pode se lembrar dessa intensidade nem da freqüência desse contato, envolvendo inclusive as viagens a São Paulo. Eu, antes de 1964, ainda estava em São Paulo, com meus pais, e lembro-me perfeitamente das vindas da vovó à nossa casa, onde

ficava, para meu gáudio (porque me consentia muito), por uns bons dias. Ao contrário do que afirma a Terezinha, sua presença era uma alegria a mais naquele lar, para todos. De 1964 a 1969, passei a estudar em São João, morando com minha avó. Tampouco me vêm à memória visitas constantes e viagens dela com a Terezinha. Estive, inclusive, em três oportunidades junto com minha avó nas solenidades citadas, e em duas delas estava também minha mãe.

Por vezes, minha avó não só ficava mais dias na casa de meus pais em São Paulo, como ainda dedicava outros tantos para a casa do Mauricio, que já tinha seus filhos pequenos e que ela também adorava rever. Não me lembro da Terezinha nessas circunstâncias. Meu irmão tampouco.

Terezinha diz: como ***"Maria José não gostava.... ....eu fazia seu papel"***. É demasiada pretensão, substituir nossa mãe no papel de filha. Em que pese os valores que Terezinha possa ter como pessoa, nossa mãe tinha tantos valores quantos, além de ser discreta e comedida, e muito bonita. Não compreendemos essa obstinação em tentar transformar na história, uma pessoa de temperamento doce e carinhoso, como nossa mãe, em uma pessoa perversa, que desconhecia a mãe e até a fazia sentir-se mal, em casa da própria filha. Isso é, ademais de incorreto, absurdamente indelicado. É também inegavelmente injusto, porque nossa mãe não está viva, para oferecer sua posição sobre o assunto e defender-se em igualdade de condições, com o mesmo espaço e a mesma oportunidade oferecida às calúnias de Terezinha. E atribuir palavras ruins e atitudes grosseiras à uma pessoa falecida é pura covardia, contraria os mais puros preceitos de bom senso.

Minha mãe respeitava muito minha avó e nela confiava cegamente. Quando, em 1964, manifestei meu desejo de continuar minha criação em São João, sob os cuidados de minha avó, ela prontamente acedeu, estimulando meu impulso e dizendo que seria ótimo para mim, em todos os sentidos. Se ela tivesse tantas reservas a minha avó, porque CONFIARIA MINHA EDUCAÇÃO COMO ADOLESCENTE exatamente à ela? E que dizer, então, do Mauricio, que estava com minha avó há mais tempo ainda? É um total despropósito que uma pessoa que detesta tanto a outra, como dizem as más línguas, possa confiar seus próprios filhos à essa mesmíssima pessoa...

Outra evidência que se contrapõe à imaginação fértil de Terezinha é a seguinte: meus pais viviam em São Paulo, porque meu pai era um executivo do SENAC, onde estava seu escritório e trabalhou por mais de 35 anos, na Rua Dr. Vila Nova. A despeito disso, eles iam, religiosamente, na grande maioria dos finais de semana, para a casa de minha avó, onde ficávamos alegremente reunidos em família, sendo testemunha disso todos os vizinhos de minha avó que nutriam amizade por meus pais também. Todas as datas relevantes (aniversários, páscoa, natal, etc), eram igualmente comemorados com nossa reunião na mesma casa de minha avó. Como é possível para dois seres que, na tese de outras pessoas, não se querem bem, estarem tão unidas e juntas, como estavam minha avó e minha mãe, a ponto de que minha mãe se dispunha a viajar todos os finais de semana para estar com minha avó e conosco? Diga-se de passagem que, mesmo depois do meu retorno a São Paulo, no início de 1970, essas reuniões prosseguiram, eu incluído, até 1972, quando minha avózinha faleceu.

Mais um ponto: estão em nosso poder um troféu, oferecido a minha avó, por integrantes da Coluna Romão Gomes, ainda nos anos 30; e uma medalha oferecida pelo Rotary Club Leste de São João. Ambos ficaram sob a nossa guarda, minha e do Mauricio, a pedido de minha mãe, antes de falecer. Ela mesma os havia conservado como distinta lembrança de nossa avó.

Se a ela verdadeiramente não interessasse a história de minha avó, se não se orgulhasse do feito, que razão tão alucinada a faria manter essas lembranças mesmo depois do falecimento de sua mãe? Seria muito fácil descartar-se disso, sem nenhum problema.... O troféu e a medalha ficam, em revezamento, por um ano, comigo e com o Mauricio. Essa é uma forma que encontramos de, ambos, reverenciarmos a memória de nossa querida avó.

São estranhas as atitudes e os depoimentos de Teresinha sobre o tema, e nos deixaram, a mim e ao Mauricio, surpresos e indignados. Repudiamos com veemência essa posição indiscreta, injusta e inverídica. Ao falar com a Julianne hoje após ler este último capítulo, ela me descreveu o quanto a Ana relutou em passar os dados de nosso contato, frisando que não apreciaríamos falar sobre isso e que o "suposto conflito" também nos alcançava. Quando recebi o primeiro email, respondi prontamente e, no dia seguinte, enviei as fotos que estão em meu poder. Igualmente, confirmei de imediato minha presença na exposição do trabalho, aí na UNIFAE. Eu ignorava as assertivas da Ana e, sincera e transparentemente, demonstrei qual era o meu apreço por minha avó, sendo em tudo ratificado pelo meu irmão Mauricio. Eu e ele, somos muito unidos. Essa união veio, entre outras coisas, do exemplo de união QUE PRESENCIAMOS NO LAR, através de nossa avó, nossa mãe e nosso pai. Talvez, o medo da Ana, ao tentar impedir o contato de vocês conosco, fosse o de que a versão criada por sua mãe desmoronasse, como de fato desmoronou. Não temos nada a esconder, e muito a demonstrar.

De qualquer modo, por que somos sangue direto de nossa avó e de nossa mãe, porque somente nós convivemos diuturnamente com elas durante sua existência, ao contrário da Terezinha que conviveu ***eventualmente***, podemos, mais que ninguém, dizer daquilo que realmente se passava em NOSSO LAR.

As opiniões, visões subjetivas e interpretações dos outros sobre isso, deveriam ser mantidas nos limites de sua própria subjetividade e consciência. Buscar atenção através da polêmica, lançando afrontas à honra de pessoas ilibadas e puras, ainda mais, falecidas, é atitude menor.

4. Sobre outros depoimentos

Neusa Menezes, a quem não tenho o prazer de conhecer pessoalmente, e a quem também forneci tudo o que estou oferecendo a vocês em termos de dados sobre minha avó, afirma que após o sepultamento, minha mãe colocou todos os móveis de minha avó à venda, na calçada. Tenho todos os motivos para crer que ela própria, Neusa, não testemunhou esses fatos. E não sei se cita a fonte de onde os ouviu. Mas é outra maldosa tentativa de imputar algo à minha mãe. No final de semana seguinte ao falecimento de minha avó, fui até a sua casa em São João, com meu pai. Encontrei as coisas como eram antes, à exceção dos livros e da coleção de revistas que meu pai já havia doado à uma instituição de crianças. Minha mãe não quis estar nessa ocasião, por que ainda estava muito triste. Meu pai, então, procurou entidades para as quais pudesse doar os móveis. Mas, friso, minha mãe estava a mais de duzentos quilômetros de distância. Porque o desejo de associá-la a isto, além de deslocar o fato para o dia do sepultamento, criando uma atmosfera horrenda de ingratidão e descaso, que nunca existiram?

5. Conclusão

Um último ponto meio delicado, porque é a frase conclusiva de vosso livro... Nossa intenção é apenas colocar dois argumentos mais para reflexão, depois desse brilhante e intenso trabalho que vocês desenvolveram...

Muito respeitosamente, faríamos uma pergunta sincera a vocês... O último parágrafo sugere uma dualidade em minha avó: ... ***a coragem de uma mulher-soldado ao fracasso de uma mãe que abandona a própria filha.***

Onde é, no relato de vosso livro-reportagem, que se configurou, ***cabalmente***, o fracasso?

O Dicionário Michaelis define ABANDONO como: 1. Ação ou efeito de abandonar. 2. Desamparo, desprezo. 3. Desistência, renúncia. 4 Imobilidade, indolência, moleza. Ao a: Sem amparos, sem cuidados.

Nossa avó não abandonou nossa mãe no centro da rua. Não a deixou sem amparos e cuidados. Ao deixá-la SOB OS CUIDADOS de um amigo, que estava segura a cuidaria bem, descaracterizou todos os sinônimos e definições acima indicados. Não houve abandono, nem renúncia. Não houvesse alternativa para proteger minha mãe devidamente, talvez o curso fosse diferente, mas não podemos supor, apenas considerar o fato como foi. E a maior prova de que não houve abandono, é a de que encontrou, no retorno, minha mãe bem alimentada, bem cuidada e totalmente sadia, apenas assustada com a situação. Não será, talvez, demasiado forte dizer que ela abandonou a filha, quando não foi isso que aconteceu?

Por outro lado a palavra fracasso. Do nosso humilde ponto de vista, não percebemos nenhum fracasso nas atitudes de nossa avó. Sua ação inspirou a de muitos outros combatentes. Enobreceu a figura da mulher em uma época em que o machismo ainda abundava exuberantemente. Lutou contra dificuldades com galhardia, sem pedir nada a ninguém, arrecadando recursos para sobreviver e prover a casa e sua filha. Quanto à minha mãe, tampouco fracassou em criá-la. Educou-a completamente, tinha todos os recursos necessários para viver, seguiu carreira na profissão em que se formou em São João, professora, atingindo graus de direção na esfera da Secretaria da Educação. Constituiu família, sua relação com meu pai durou até a sua morte (56 anos de vida em comum) teve filhos, educou seus filhos com sucesso e viu chegarem os netos. Foi muito feliz em toda a sua vida. Como afirmar que minha avó fracassou com ela?

Em alguns pontos desse último capítulo, vocês exibem exemplos de como o preconceito, o machismo, a falta de respeito e a morbidez humana proporcionaram à minha avó momentos desagradáveis, posteriormente, com denominações menos dignas e comentários irônicos. Falar em fracasso não seria avalizar essas atitudes que tentam, desesperadamente, lançar sombras que podem encobrir os valores morais e familiares de que minha avó era realmente portadora?

Pedimos a licença para um paralelo de idéias... Umas poucas palavras a respeito de Simón Bolívar, o Libertador da América, cuja ação teve como cenário físico a Venezuela, a Colômbia, o Equador, o Peru, a Bolívia, e o Panamá. Ele atuou em um tempo onde o meio de locomoção era o cavalo, libertando do jugo espanhol mais de 5 milhões de $km^{2,}$ o equivalente a área de 23 países da Europa moderna. Participou diretamente de 79 batalhas. Cavalgou 65.000 km ao longo de 25 anos (uma volta e meia à circunferência terrestre), dez vezes mais

que o realizado por Aníbal e três vezes mais que o feito de Alexandre Magno. Em todas as viagens de sua vida, percorreu 123.000 km, mais do que o fizeram Cristóvão Colombo e Vasco da Gama. Um personagem da história digno de ser lembrado por tais feitos. Modernamente, quantos estudantes hoje sabem disso ? Mas, ironicamente, nesses próprios países, muitos historiadores preocupam-se apenas em levantar "histórias" sobre suas possíveis amantes. Falamos disso com propriedade porque viajamos muito e conhecemos esses países bem a fundo.

Claro que em momento nenhum estamos tentado comparar a ação de nossa avó aos gigantescos e hercúleos feitos de Simón Bolívar. Mas os dois tinham, sim, algo em comum: nada do que fizeram seria possível, se não tivessem em suas almas uma paixão sem limites pela liberdade e pela justiça!

Porque tantas pessoas buscam retirar o foco daquilo que realmente importou PARA A SOCIEDADE que eles defenderam, invadindo, as vezes de forma tosca e pouco cívica, como fizeram a Terezinha e a Ana, a PRIVACIDADE DE SUAS VIDAS, na intimidade do lar e da família, que deveria ser sempre intocável e respeitada?

Nosso imenso agradecimento pela oportunidade de, através de nós, dar voz à nossos entes queridos, impedindo que equívocos pessoais e localizados pudessem distorcer uma página linda da história real de nosso país!

Nosso respeito, também, pela dedicação ao tema, por vocês demonstrada.

No dia 23 estarei prestigiando a apresentação que, tenho certeza, será magnífica !

Um cordial abraço!

Henrique

ANEXOS